

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ELANE SILVA FERREIRA

**UMA REFLEXÃO SOBRE O DIÁLOGO EM SALA DE AULA DE PRIMEIRO
CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO GABRIEL.**

ELANE SILVA FERREIRA

**UMA REFLEXÃO SOBRE O DIÁLOGO EM SALA DE AULA DE PRIMEIRO
CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO GABRIEL.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para aprovação em disciplina Prática e Pesquisa III – TCC. Para obtenção do título de licenciada, apresentado à Universidade Federal do Piauí sob orientação do Prof.º Ms. Romildo de Castro Araújo.

Ficha Catalográfica

F383r Ferreira, Elane Silva.

Uma reflexão sobre o diálogo em sala de aula de primeiro ciclo de ensino fundamental na escola municipal São Gabriel / Elane Silva Ferreira. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (55 f.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016

Orientador(A): Prof. Me. Romildo de Castro Araújo

1.Educação-Diálogo. 2. Professor. 3. Ensino Fundamental. I. Título.

CDD 370

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB

PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE
GRADUAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

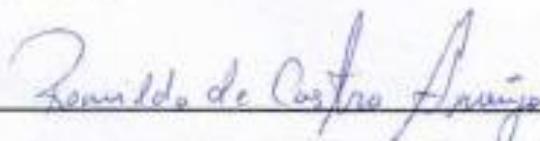
ELANE SILVA FERREIRA

UMA REFLEXÃO SOBRE O DIÁLOGO EM SALA DE AULA DE PRIMEIRO
CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO GABRIEL.

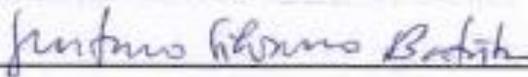
Monografia apresentada como requisito para a conclusão de Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Aprovada em 25 / 02 / 2016

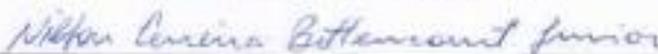
BANCA EXAMINADORA



Orientador Ms. ROMILDO DE CASTRO ARAÚJO



Dr. GUSTAVO SILVANO BATISTA



Ms. NILTON FERREIRA BITTENCOURT JÚNIOR

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo dom da vida, e pela certeza do seu imenso amor de Pai.

Aos meus Pais Rulgivam Ferreira e Eliane Ramos, por serem tão fundamentais para mim, por me ensinar, o saber doar, por me ensinar atitudes de bondade e respeito ao outro, e por todos os momentos de escuta, incentivo, luta e fé.

Aos meus estimados irmãos (Samya, Ruam, Gigi, Emilena e Leo) que tanto amo, por contribuírem para a felicidade e alegria da minha infância que com atitudes de carinho e força foram meus pontos de calma e alegria. Principalmente minha irmã Rugirlândia Ferreira que tanto me incentivou.

Agradeço também aquela que me faz passarinho, a minha estrela guia - Maria Victória – minha filha, é ela a responsável pela criação de um novo amor. O amor de sensibilidade que está em mim.

Agradeço a todos os meus amigos que com carinho se preocuparam comigo, me incentivando e dando total apoio, em especial Maria da Cruz, Medianeira, Maria de Sousa, Leidiana, Edith e Sandra. Também a uma pessoa especial que muito me ajudou Dora, uma grande amiga que conheci e vou cultivar pelo resto dos meus dias.

Agradeço a equipe da Escola São Gabriel, a diretora e as professoras que se dispuseram a participar desta pesquisa.

Aos meus orientadores, em especial ao Drº Gustavo Silvano Batista que com paciência e atenção me orientou no projeto de Iniciação Científica Voluntária, e também Ms. Romildo Araújo de Castro que fecha comigo um rumo a seguir no mundo da pesquisa e conclusão da monografia.

A todos vocês, OBRIGADA!

“O verdadeiro método seria o fazer da própria coisa.”

(Hans-George Gadamer)

FERREIRA, E.S. **Uma reflexão sobre o diálogo em sala de aula de primeiro ciclo do ensino fundamental na Escola Municipal São Gabriel.** Monografia apresentada ao curso de Pedagogia. Universidade Federal do Piauí, UFPI. p 54. 2016.

RESUMO

Este trabalho trata da importância da construção do diálogo dentro do espaço escolar. Em associação com a formação da criança, o diálogo é visto como atividade permanente no cotidiano da escola e, nas relações pessoais, tomando como base as reflexões realizadas por Hans-George Gadamer em sua principal obra *Verdade e Método*, e também o autor Paulo Freire. Assim, sempre em busca de clarear as ideias que sempre são postas frequentemente, são desenvolvidas durante o ensino em vista de almejar o aprendizado. A questão que norteia a presente pesquisa: Será possível o diálogo como instrumento didático no processo de formação da criança, por intermédio do professor polivalente? A esse respeito, o presente estudo objetiva investigar como acontece a utilização do diálogo em sala de aula em busca de um aprendizado significativo. Para assim estabelecer a relação entre a dialogicidade de Freire e a hermenêutica de Gadamer; analisar a relação didática em sala de aula a partir do diálogo em Gadamer e, compreender o papel do professor na utilização didática do diálogo, de forma a identificar se existe ou não a valorização do diálogo no espaço sala de aula entre professor e aluno. A pesquisa realizada através do trabalho de campo para coletas de dados, a partir de técnicas da observação e entrevistas. Para as observações feitas em sala de aula, será utilizado um caderno de campo para anotações detalhadas das relações pedagógicas, ausência ou presença, especificidade do diálogo, entre professor e aluno, procurando aprender sua importância e quais as formas em que este se materializa na escola investigada. Busca-se contribuir para um novo paradigma da educação quanto ao uso do diálogo por parte do professor e, por parte do aluno, com a pretensão de se adquirir a criticidade.

PALAVRAS-CHAVES: FORMAÇÃO. DIÁLOGO. EDUCAÇÃO.

FERREIRA, E.S. **A reflection on the dialogue into classroom of elementar cycle in the Municipal Gabriel School.** Monograph presented to the pedagogy course. Federal University of Piauí. P 54. 2016

RESUME

This work comes from the importance of building the school environment dialogue in association with the formation of children, dialogue is seen as a permanent activity in school everyday and in personal relationships, based on the reflections made by Hans-George Gadamer in his major work Truth and Method, and also the author Paulo Freire. So, always in search of clear ideas, that often put these ideas are developed for teaching in view of learning. The question that guides this research: dialogue as a teaching tool in the child's educational process will be possible through the multi-purpose teacher? In this regard, this study aims to investigate as it does the use of classroom dialogue in pursuit of a meaningful learning. So to establish the relationship between the dialogicity Freire and Gadamer hermeneutics; analyze the didactic relationship in the classroom from the dialogue in Gadamer and understand the teacher's role in teaching using dialogue in order to identify whether or not the value of dialogue within the classroom between teacher and student. The research conducted through field work for data collection from observation techniques and interviews. To the observations made in the classroom, you will use a field notebook for detailed notes of pedagogical relationships, absence or presence, dialogue specificity, between teacher and student, trying to learn its importance and what the ways in which this materializes at school investigated. Seeks to contribute to a new paradigm of education in the use of dialogue from the teacher and the student with the intention of acquiring criticality.

KEYWORDS: TRAINING. DIALOGUE. EDUCATION.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 – HERMENÊUTICA E EDUCAÇÃO.....	11
2 – A RELAÇÃO DO CONCEITO DE DIÁLOGO EM PAULO FREIRE E GADAMER.....	18
2.1 – O diálogo na obra de Paulo Freire.....	18
2.2 – O diálogo na obra de Hans-George Gadamer.....	22
2.3 – O papel do diálogo na formação da criança.....	25
3 – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	29
3.1 – Antecedentes Históricos sobre a Escola São Gabriel.....	29
4 – O PAPEL DO PROFESSOR E O DIÁLOGO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	33
4.1 - O papel do professor e a valorização do diálogo entre professor e aluno.....	40
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	54

UMA REFLEXÃO SOBRE O DIÁLOGO EM SALA DE AULA DE PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO GABRIEL.

INTRODUÇÃO

A escola é vista como um espaço de vasta interação social. É o lugar onde a educação acontece, portanto, é através da escola e da educação que o diálogo se perpetua e se desenrola nas situações.

Em meio às relações sociais, o mesmo sendo importante para tal estudo, que visou analisar o diálogo como meio didático dentro da sala de aula em busca de conscientizar e clarear o ensino com o objetivo na aprendizagem.

A sala de aula significa muito para o aprendizado de todos que ocupam este espaço. A importância deste espaço para construção do diálogo é vista como atividade contínua no cotidiano da escola e, na relação professor-aluno e aluno-aluno, sempre em busca de clarear as ideias que sempre são postas frequentemente. Essas ideias são desenvolvidas durante o ensino em vista de almejar o aprendizado.

Diante o uso da sala de aula como espaço de trocas de ideias onde crianças falam, argumentam, compartilham questionando situações e hipóteses pode-se pensar então como o professor utiliza-se do diálogo como instrumento didático para o enriquecimento do conhecimento e formação dos alunos na utilização do diálogo no processo educativo e dialógico. Duas questões norteiam a presente pesquisa. Primeira: será possível o diálogo como instrumento didático no processo de formação da criança, por intermédio do professor polivalente? Segundo: qual o papel do diálogo no espaço da sala de aula na relação entre professores e os alunos?

Portanto, este estudo tem como objetivo geral: Investigar como acontece a utilização do diálogo por parte do professor na sala de aula, procurando identificar quando ocorre de forma prazerosa e divertida para a criança tornando o aprendizado significativo. Sendo trabalhados os seguintes objetivos: estabelecer a relação entre a dialogicidade de Freire e a hermenêutica de Gadamer; analisar a relação didática em sala de aula a partir do diálogo em Gadamer e, por fim, compreender o papel do professor na utilização didática do diálogo, de

forma a identificar se existe ou não a valorização do diálogo no espaço da sala de aula entre professor e aluno.

Pensando a criança como indivíduo importante em processo de formação e o professor como mediador do aprendizado, volta-se a utilização do espaço da sala de aula para que de fato o diálogo aconteça de forma crítica, possibilitando ao aluno a valorização da troca de ideias, porque as crianças falam, argumentam, e questionam soluções.

Essas situações de diálogos favorecem o desenvolvimento cognitivo da criança.

O professor como mediador tem que pensar o diálogo como parte do processo de formação, utilizando o ensino como mediação do seu trabalho pedagógico, relacionando o aluno com o saber. O diálogo utilizado como fator dinâmico, desenvolverá o pensar diante as situações e problemas de aprendizagem, estimulará o processo de argumentação, por parte do ser professor e, do ser aluno, ambos voltados para a realidade.

A partir do diálogo tem-se a comunicação como processo de interação. É a partir da interação que se desenvolve a educação, esta acontece como um fenômeno social de tamanho poder. O que acontece atualmente são as mudanças que uma vez estabelecidas fazem com que a educação desperte nas pessoas as mudanças de inserção e inclusão para todos.

Quando o professor passa a ser o mediador e se preocupa com as possibilidades de ensino, o professor tem como fator principal a aprendizagem e, assim, é desafiado a dialogar permanentemente com o educando, observando, as necessidades deste e o processo pelo qual se desenvolve as dificuldades educativas.

Portanto, se pensar a sala de aula como um espaço rico de interação e acontecimentos que são reais e pertinentes à vida diária do professor e aluno, desenvolvendo nas crianças o processo de formação humana, é por isso a dinâmica pertinente a tal comportamento educativo, quando de fato o aprendizado é assimilado através de uma simples conversa mediada, presente nas situações educativas.

Dessas situações, o processo de formação tem relação direta com o diálogo, pois quando se dialoga ao mesmo tempo se educa e conseqüentemente se forma o sujeito, quando acontece a relação de troca e de interação diante as informações trocadas de um com o outro, a práxis educativa acontece através do processo de linguagem humana, utilizando-se dos signos lingüísticos, nos mostrando que todas as pessoas têm consigo o pensar.

Enfim, a importância do estudo em questão será de se fazer pertinente, quanto aos estudos cotidianos dos alunos de 1º, 2º, 3º e 4º anos, do ensino fundamental I, da cidade de Picos – PI, ou seja, o processo de formação em conjunto com o diálogo para o ato de educar e de interagir dentro do ambiente escolar, favorecendo assim, o aluno e o professor, e refletindo de maneira expansiva no meio escolar e fora dele, ou seja, na sociedade.

O professor e o aluno estão sempre em processo de mediação, estão ambos ligados à dialogicidade quando o aprendiz toma consciência do aprendizado e deixa-o fluir através da reflexão.

1 - HERMENÊUTICA E EDUCAÇÃO

Ao se analisar a importância do diálogo na educação, o conceito de Hermenêutica se faz pertinente quanto conhecê-lo para a área da educação. Hermann (p.9, 2002) especifica de forma subjetiva este conceito com base nos estudos de Gadamer: “trata-se de um modo de fazer filosofia desconhecido para muitos professores que atuam tanto em escolas como em universidades”. Ou seja, a “Hermenêutica é um tipo de reflexão no campo educacional, pela possibilidade tanto de autocompreensão do agir pedagógico quanto de produzir novas interpretações sobre o sentido de formação” (p.9, 2002).

É do processo de compreensão, ou de reflexão que pressupõe o diálogo como conversação livre afirmando ou reformulando o processo de reflexão. O homem tem a necessidade de querer saber sobre a realidade, ao se obter conhecimento o homem produz racionalidade (HERMANN, p.13, 2002) questionando assim o homem e a própria inteligência. Portanto, destaca-se o diálogo para a possibilidade do aprender.

É a partir do próprio questionamento do homem, que a revisão da racionalidade é limitada de método e impossibilita a experiência da verdade, assim conceitua-se “a hermenêutica reivindica dizer o mundo a partir de sua finitude e historicidade, de onde decorre o seu caráter interpretativo”. (HERMANN, p.13, 2002). Ao conhecer a realidade utiliza-se do positivismo cientificista para produzir o conhecimento e a “hermenêutica ressurgiu modernamente no contexto da luta contra a pretensão de haver um único caminho de acesso à verdade”. (HERMANN, p.15, 2002)

Essa verdade questiona-se no dia-a-dia da vida. Buscam-se argumentos objetivos. Gadamer observa a Hermenêutica como fenômeno da compreensão, ou seja,

metodologicamente universal científica. A hermenêutica se opõe ao objetivismo “impossibilidade de separar o sujeito do mundo objetivado”. (HERMANN, p.16, 2002).

A Hermenêutica no século XX era um modo de filosofar utilizado, tratando-se de compreender a experiência humana, que produzia saber a partir do que cria o sujeito. No entanto, a criação do sujeito desenvolve o conhecimento, que de acordo com Hermann (p.17, 2002) “é um momento do ser, e não um comportamento do sujeito”. Pois, a atividade do sujeito representa-se pelo conhecimento como objeto de infinitas possibilidades.

Das diversas possibilidades surge o conhecimento construtivista, este tem o sujeito com os procedimentos operacionais para representar o objeto. Enquanto o método empírico-formal representa a eficiência no âmbito do conhecimento da natureza, mas representa também a crise epistemológica para o homem. Ainda assim, para o homem pensar e escrever utiliza-se da experiência que a hermenêutica possibilita, inicia-se assim com relatos de experiências vividas a escrever, portanto, precisa de um tempo para organizar as ideias, as reflexões antecede a forma definitiva da ideia.

É preciso clareza para desenvolver as ideias, de acordo com argumentos. Segundo Flickinger (p.12, 2010) “ao escrever, escapa-nos a ideia à qual havíamos chegando à fase preliminar das considerações em torno do tema.” Sendo o esforço constante para a construção da ideia de acordo com o conceito de linguagem, pois ela introduz orientação ao pensamento intuído ao fim.

A intuição relaciona-se com o conceito em busca do conceito adequado. É pela tradição das ciências humanas que se tem o termo hermenêutico, “a compreensão do que se passa no processo do pôr-por-escrito um pensamento intuído.” (FLICKINGER, p.15, 2010) É na escrita que a transmissão da linguagem reproduz o significado claro do autor.

Assim, a mitologia e o significado da palavra Hermenêutica associam – se quanto à busca do sentido literal desta palavra, pois a origem da palavra está associada ao mito de Hermes que na mitologia é conhecido como “o mensageiro dos deuses gregos”. (HERMANN, p.21, 2002).

Hermaion significa fruto caído, chance, vantagem inesperada, daí a relação com a ideia de trazer o que está oculto. Representado como intérprete da vontade divina, Hermes, com a capacidade de se movimentar para lugares muito distantes, leva mensagens e traz consigo a possibilidade de compreensão, para a qual é preciso dar-se conta de que há uma distância a supera. (HERMANN, p.21, 2002)

A origem e o sentido da palavra interpretação é também a compreensão de algo implícito, portanto a linguagem afirma o poder da interpretação, para compreender é preciso ouvir o diálogo, este iniciando o processo de compreensão, e permitindo que o diálogo seja para a hermenêutica como um importante elemento para o saber mais.

“Explicar é uma forma de interpretar” (HERMANN, p.23, 2002), a hermenêutica precisa ser explicada. Enquanto o processo de tradução da hermenêutica torna compreensível o mundo. A linguagem também é importante no processo hermenêutico, à mesma permite várias interpretações que possam surgir.

A compreensão é pertencente à questão familiar, a tradição que se constitui ao tal sentimento. Portanto, é através da tradição Heideggeriana que assegura Gadamer do próprio conceito de *Verdade e Método*, pois o método detém as condições para se obter a verdade que está implícita.

Em *Verdade e Método* Gadamer diferencia a hermenêutica rompendo “modo de fazer teoria do conhecimento que quer descobrir as essências, na tradição que vai de Platão à Kant”. (HERMANN, p.27, 2002). Afirma então a hermenêutica como tentativa de compreensão às ciências humanas e não uma tentativa de metodologia das ciências humanas, negando a formulação de princípios interpretativos antes da compreensão.

Gadamer critica a consciência estética abstrata em *Verdade e Método*. A crítica recai sobre a interpretação quando se utiliza da própria noção de existência. A compreensão parte da existência humana como observa Hermann (p.28, 2002) estabelecendo o conceito de Hermenêutica “é a arte de compreender, derivada de nosso modo de estar no mundo”. A experiência do ser contribui para a compreensão significando o pensar, ou o pensar filosófico de pensar no mundo.

Assim, a hermenêutica contribui para a educação e para as ciências humanas através da compreensão, amplia claramente as contradições, os limites das regras que aparecem na pedagogia científica. Logo, o desafio hermenêutico é abrir novas possibilidades de pensamento e compreensão.

Gadamer vincula o estudo hermenêutico filosófico a um dos importantes filósofos do século XX, Martin Heidegger (1889-1976), pois de acordo com o mesmo, a hermenêutica estaria associada à interpretação do ser. Este filósofo repensa a filosofia, pois para ele o pensamento ocidental esquece-se da história do ser.

Portanto, como afirma Hermann (p.31, 2002) “a originalidade de Heidegger consiste, então em mostrar como a solução de um problema depende da forma de colocá-lo”. Com isso, Heidegger reformula a pergunta sobre o ser que diante a modernidade muda, mas o sentido do ser continua único.

A busca por uma hermenêutica capaz de interpretar as raízes da filosofia ocidental era o que queria Heidegger sobre a questão do ser. E, para se ter significado do homem, criou-se a hermenêutica fenomenológica, pois a historicidade, a temporalidade e a facticidade fazem-se mais importante do que a consciência, estabeleceram a singularidade do ser.

O estudo do ser baseia-se em Heráclito e Parmênides, os quais Heidegger investiga. O ser não era dicotômico para os pré-socráticos, no entanto, para Heráclito a revelação do ser era comparada ao fluxo de um rio, assim a *physis* passa a ser considerada emanção do ser, pois significa desabrochar e emergir. Enquanto, Platão associa o ser a uma doutrina de ideias, ou seja, “a ideia é o que surge quando o aspecto das coisas aparece”. (HERMANN, p.33, 2002)

Na verdade Hermann (p.33, 2002) observa que “as ciências compreendem o ser humano como um ente”, mas o ser nunca está em si concluído, pois participa de várias transformações, assim o homem mantém uma relação com si própria, Heidegger conclui e ao mesmo tempo oferece uma alternativa, ou seja, ele supera um dos lados da dicotomia existente da metafísica entendendo o ser resistente à mudança, mas o ser para Heidegger vai além da metafísica tradicional, o ser é algo infinito, ou seja, “o ser se encontra onde o que acontece pode ser compreendido”. (HERMANN, p. 34, 2002)

O homem é o universo em infinitas possibilidades de compreensão, o mundo separa pessoa e objeto, “o mundo é o próprio ser e o homem é o ser-no-mundo” (HERMANN, p.34, 2002). A compreensão faz parte do mundo, sem ela a prática de ser possibilita o compreender.

O compreender não é pertinente no comportamento do indivíduo, “mas o modo de ser *Dasein*”. (HERMANN, p.34, 2002). Pois, a compreensão citada não faz parte do sujeito-objeto, mas sim da totalidade. Heidegger defende que “o ser é tempo” (HERMANN, p.35, 2002) e, Hermann afirma “o compreender e o sentido do ser relacionam-se com a condição existencial, daí que o sentido que a compreensão oferece não é inamovível”. (p.35, 2002). Ou seja, a compreensão não poderá planejar possibilidades de interpretação.

A compreensão não poderá partir de conceitos ingênuos, pois *Dasein*, o ser-aí, caracteriza-se por uma pré-compreensão, a interpretação surge a partir de um entrelaçamento de significados.

A leitura de mundo a partir de compreensões prévias, a partir do círculo hermenêutico onde “o todo não pode ser apreendido sem a compreensão das partes”. (HERMANN, p.37, 2002), ou seja, é a partir da compreensão que o ser irá inserir-se no mundo. É no mundo que o homem compreenderá as significações do mundo através da linguagem.

Para Heidegger o sentido do ser, desvirtua o conceito de verdade, pois a verdade na cultura ocidental “traduz a conformidade entre o enunciado e a coisa, e essa conformidade se origina na correspondência da coisa com sua essência”. (HERMANN, p.38, 2002). Assim, a verdade não será vista como algo autêntico, mas sim algo com possibilidades a partir do ser.

Portanto, ser verdadeiro é ter domínio das coisas a partir da essência, do não esquecido, manifestando a revelação da subjetividade como um novo horizonte, revelando-se e ocultando-se, pois nós somos e fazemos parte desse mundo em meio ao desvelamento. Heidegger desconstrói as categorias e, opõe-se a ideia de compreender, sendo contra autoconsciência e a autorrepresentação, permitindo uma nova abordagem.

Gadamer contribui com Heidegger no processo de compreensão, pois o mesmo dá à hermenêutica filosófica um processo de avaliação crítica baseado em Schleiermacher, Dilthey e Heidegger.

Quanto ao conceito de linguagem e a possibilidade de cada intérprete transcender seu horizonte interpretativo estão embasados na dialética de Hegel, pois à qual o reconhecimento do limite é o primeiro nível para transcendê-lo. (HERMANN, p.41, 2002). É preciso que a compreensão aconteça e se estabeleça o real entendimento da interpretação, assim a hermenêutica como comunidade linguística, fazendo com que o conhecimento aconteça no processo de historicidade e na linguagem.

Gadamer critica o processo de compreensão na primeira parte de Verdade e Método, ou seja, o pensamento subjetivo conduz a uma compreensão que não se vê ao mesmo tempo da percepção. Enquanto, no segundo “Gadamer critica o entendimento da consciência histórica como fixação ao passado”. (HERMANN, p.42, 2002). Ou seja, entende-se a história a partir do que acontece no presente. E, por fim, na terceira parte de Verdade e Método, Gadamer contribui quanto ao processo de compreensão a partir da linguagem. Para Gadamer

a hermenêutica filosófica não parte de procedimentos da interpretação, mas parte sim de uma interpretação com êxito, ou seja, a partir de uma autocompreensão.

Nesta obra, Gadamer supera a subjetividade ligando o sujeito à historicidade compreendida. Entende-se a compreensão hermenêutica esclarecendo o conceito de pré-compreensão, historicidade e aplicação. Assim, supõe-se a interpretação constituindo a pré-compreensão e a historicidade que Gadamer compreende em Heidegger. Pois, as categorias de conhecimento do sujeito e do objeto não descrevem a estrutura da compreensão do objeto, não compreendendo sua totalidade, logo “o que aparece como objeto é o que deixamos aparecer, o que vem à luz” (HERMANN, p. 44, 2002)

A relação entre sujeito e objeto parte do modo de ser da historicidade, no qual a mesma decide o processo de compreensão, ou seja, a compreensão de um texto consiste em um sentido prévio podendo ser substituído por uma nova opinião.

De acordo com Hermann (p.45, 2002) “uma consciência hermenêutica pressupõe a incorporação das opiniões prévias e preconceitos, por meio dos quais se modula à historicidade”. Gadamer traz à tona o caráter produtivo a partir dos aspectos constitutivos da realidade histórica, pois o preconceito age no processo de compreensão orientando assim a experiência, assim o julgamento antecipado produz possibilidades produtivas ou negativas.

A tradição é algo que determina o nosso ser histórico, pois existe uma autoridade oculta, esclarecendo então o conceito de tradição baseado em Hermann (p.46, 2002) “a tradição é essencialmente conservadora, mas também pressupõe um ato de razão que integra o novo em uma forma de vida válida nos momentos mais revolucionários”. Sendo assim, afirmando a crítica e contraposição de Gadamer quanto à consciência soberana, pois esta considera a historicidade, enquanto estamos sujeitos, e a nossa historicidade partir da compreensão.

O mesmo acontece com o conceito de clássico, por se conservar no tempo estabelece uma ligação entre passado e presente incluindo à tradição que facilita o processo de compreensão. A compreensão por vezes se dá o chamado mal entendido, este fundamental para a hermenêutica, pois gera a tensão entre a objetividade histórica e o pertencimento à tradição, logo a pré-compreensão faz com que o preconceito apareça ocasionando a estranheza e a familiaridade constituindo assim a hermenêutica.

Entretanto, é a nossa consciência histórica que estabelece o papel decisivo da compreensão diferente do historicismo, pois parte de compreensões de documentos analisado

através da ação humana no espaço, ou seja, a consciência histórica é um processo interminável para a hermenêutica, pois o ser é infinito no processo de compreensão. “Compreender é sempre um processo de fusão de horizontes.” (HERMANN, p.49, 2002)

“O conhecimento é uma ideia de aquisição de compreender como fusão de horizontes, a mesma dialética, provocando tensão para a familiaridade, pertencimento e distanciamento constitutivo da experiência hermenêutica.” (HERMANN, p.50, 2002), pois a interpretação que descobrirá o que está oculto, o conhecimento está ligado à linguagem para Nietzsche, possibilitando assim a interpretação.

O problema da aplicação está na relação com a consciência histórica hermenêutica. Segundo Hermann (p.52, 2002) afirma “compreender é aplicar algo geral a uma situação concreta, ou seja, é a realização do sentido.” Logo, quem interpreta na situação hermenêutica busca compreender através da tradição.

Assim, a preocupação com a história efectual para Gadamer é que depois de refletida ela limita a realidade. A experiência passa a ser “análise da consciência da história efectual” (HERMANN, p.54, 2002). Pois, será expressa a uma vivência que se transformará em aprendizado. Mas é previsto pela ciência que a experiência quando metódica passa a ser considerado procedimento, desconsiderando a historicidade interna.

A reprodutibilidade é o princípio que valida à experiência, quando se confirma, pois Gadamer a partir da essência da experiência propõe o conceito de experiência a partir do que é histórico. “O que o homem aprende pela dor é a percepção de seus limites, por isso a experiência humana é a experiência da finitude”. (HERMANN, p.55, 2002)

É reconhecida a razão do outro se abrindo a esse reconhecimento que exige a experiência hermenêutica.

Quanto à educação na forma autoritária é estabelecida pelo conhecimento científico, este sendo objetivador não reconhecendo o outro. É com a hermenêutica que o outro será reconhecido pela sua história singular. E, a partir da consciência histórica efectual, a tradição afirma a soberania do sujeito a partir da compreensão em conversação.

A pergunta é a primeira etapa do reconhecimento do que não se sabe, ou seja, a “*doctignorantia*”. Assim, a pergunta deixa um espaço para o que se busca o que tem de ser descoberto. Para que algo seja descoberto pressupõe-se abertura através das dúvidas, é esta a possibilidade que se tem do despertar da curiosidade do ser quando pensado para ser

compreendido. A ignorância é a etapa para que algo surja e, assim seja descoberto do que se pretende conhecer para se ter o caminho em busca do conhecimento.

Para conhecer é fundamental perguntar, assim que as perguntas forem surgindo, que seja através de um sentido ou orientação. Possibilitando o início de um diálogo, pois “o diálogo possibilita condições de reflexão sobre um entendimento ainda não disponível, ou seja, concede aos participantes a oportunidade de fazer uma autorreflexão sobre seus pontos de vista”. (HERMANN, p.58, 2002)

A pergunta possibilita o outro a condução do diálogo na condição de aprendiz. Assim, a dialética surge na condição de arte autêntica da conversação.

A compreensão de um texto se realiza na hermenêutica a partir das perspectivas que são realizadas dependendo da orientação. Portanto, pergunta e compreensão se entrelaçam diante da experiência hermenêutica.

02 – A RELAÇÃO DO CONCEITO DE DIÁLOGO EM PAULO FREIRE E HANS-GEORGE GADAMER

2.1 - O diálogo na obra de Paulo Freire

Paulo Freire um dos maiores educadores do mundo, iniciando na educação de Jovens e Adultos, mas que tem uma grande contribuição na educação quanto ao processo educativo através da dialogicidade. Autor contemporâneo quando incita à leitura, a leitura de livros, a leitura de mundo, assim percebe-se que estimula a tal leitura de todos os dias se não ficamos velhos.

Portanto, falar do diálogo para Paulo Freire é compreensível no livro *Pedagogia da Esperança* (1992). É preciso Esperança para estar diante o papel de educar, é através da esperança que se descobre a necessidade de educar para um novo mundo, para um novo modelo de homem. A educação faz o seu papel enquanto formação juntamente na interação do ser, mas são os professores que despertam a vontade para o querer saber mais, e assim o diálogo surge como um ponto principal.

Paulo Freire participou ativamente da política brasileira na década de 80 e no livro *Pedagogia da Esperança* ao qual detalha os diálogos que vivenciou para escrever *Pedagogia do Oprimido*. Quanto a Esperança Freire afirma (p.16, 1992)

a esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quão indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. Enquanto prática desveladora, gnosiológico, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas está a implica.

O homem se faz pertinente em busca da esperança, tão presente no seu cotidiano de luta, é ela que faz o homem sonhar e prosperar em busca de mudanças que reajam e fixam a realidade sofrida do oprimido. Pois, é a esperança que desperta o lutar em busca de um mundo melhor, é a força que desperta em busca de algo valoroso para a educação, para si e para o outro.

Quanto à busca, o diálogo se faz presente na educação, para Freire (1992) é através do diálogo que o educador progressista terá a oportunidade de conhecer o que se passa na vida do educando, o espaço será aberto para que se esclareçam diversos pontos dos problemas que ocasiona a luta por algo melhor.

É diante da perspectiva de luta que Freire (1992) militante no período da ditadura, exerce o seu papel de educador progressista, defendendo o ato de leitura e escrita quando bem utilizados para o aprofundamento do estudo e conhecimento. O mesmo critica a arrogância de intelectuais de esquerda ou de direita, apoia a coerência democrática, e quanto à prática docente, defende de forma atuante e progressista.

O professor tem que ser atuante quanto à prática docente para assim ensinar bem e, para não se anular como professor. É desafiando os educandos que possibilitaram aos mesmos desenvolver estímulos que faça com que o educando se sinta motivado para ir além do que pretende. Ou seja, o objetivo do pensar crítico.

Além dos desafios Freire fala do diálogo como parte do processo de significação do homem, afirma o diálogo como identidade, mas a defende e assim crescem um com o outro. O significado de diálogo para Paulo Freire parte do significado em busca da defesa.

Não há diálogo no espontaneísmo como no todo poderosismo do professor ou da professora. A relação dialógica, porém, não anula como às vezes se pensa a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender, e ambos sós e tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto, do educador ou da educadora não freia a capacidade de critica-mente também pensar ou começar a pensar do educando. (FREIRE, p.60, 1992)

O diálogo não se responsabiliza pelo seu uso distorcido que dele se faça, o mesmo não se converte apenas em uma conversa informal ou bate-papo desobrigando entre professor e

educando, pois o diálogo pedagógico reforça o conteúdo cognoscível da aula expositiva, no entanto, define-se o conceito de diálogo para Freire (p.61, 1992) “o diálogo é a possibilidade de que disponho de abrindo-me ao pensar dos outros, não fornecer no isolamento”. A possibilidade de escuta do outro entende que se está aberto para compreender o que o outro diz, quando se permite a tal atitude, permite ao não isolamento.

Logo, Freire tem como papel da educação a compreensão da possibilidade de mudança diante o paradigma neoliberal, assim, a esperança surge como fator fundamental de algo melhor para a vida diante o mundo que se tem para tomadas de decisões, essas que se permitem ir em frente, em buscar do melhor.

A partir das análises e reflexões em torno da educação, a compreensão que se busca fixa-se em torno de uma proposição dialógica para a obtenção do saber mais de si. É reconhecendo em si o poder da própria razão para entender e identificar o pensar como algo em movimento de si mesmo; é refletindo que se entende “a luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como ‘seres para si’, não teria significação”. (FREIRE, p.19, 1987)

Por conseguinte, a desalienação do homem é o processo que tanto destaca Freire. O mesmo critica a educação bancária, esta pertinente a ser analisada diante do discurso e do diálogo, pois é ela quem reforça no homem a alienação junto com os meios de comunicação, deslocando assim a prática do pensar diante a linguagem concreta. Freire (1987) estabelece e fixa categorias em torno de sua obra como a escolha por lutar pelos oprimidos, a concretude da escola, a formação contínua e permanente de professores, a problematização, a dialogicidade, defende a educação como ato de conhecimento acredita que reescrever é o mais importante que escrever algo novo.

Assim, o diálogo na perspectiva Freireana parte da palavra para que ele se faça presente. Só se tem o diálogo se somente a palavra for verdadeira para se ter a transformação que tanto almeja o homem, ou seja, o crítico-dialógico em sentido de almejar resultados, em busca de uma sociedade mais justa e democrática. O diálogo se pauta na importância de falar com alguém, a dialogicidade parte de ações humanas cabendo o conceito de dialogicidade para Freire (p.50, 1987) “a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade”.

A educação se torna a partir de então um ato político, um ato dialógico, mediatizado pelo conhecimento. Há condições para que o diálogo aconteça, sendo assim, esclarece as condições pautadas em Freire “[...] são o amor ao mundo e as pessoas, a humildade, a fé nas

pessoas, a esperança”. (SOUSA et al., p.130, 2010). Ou seja, este feito parte de reflexões sobre afetividade do professor e aluno, uma responsabilidade em virtude do educador com a prática, esta exige responsabilidade na relação do diálogo do educador com o educando, trabalhando a virtude da paciência impaciente, desenvolvendo consigo um trabalho humano, que sabe esperar e respeitar o despertar do educando.

É meramente diante o respeito ao educando que Paulo Freire defende uma escola democrática centrada na realidade do aluno e do lugar. Critica a educação bancária quando o professor passa a ser um transferidor de conhecimento; critica a memorização descontextualizada e o autoritarismo do professor.

A educação só se concederá libertadora quando estimular profundamente o aluno para a espontaneidade curiosa sobre o conhecimento, o ato de conhecimento acontece por meio do educador, educando e conteúdo estabelecendo uma relação conhecida por triangulação enriquecedora, portanto, dessa triangulação define-se o conceito de diálogo, como assevera Freire (p.50, 1987) “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.”

É de acordo com o conceito de diálogo que se pretende chegar ao fim desejado de educar o outro e a si mesmo, só acontecerá o diálogo entre os homens que querem a mudança do mundo, sendo justo quanto ao direito de dizer a palavra para o mundo, ganhando o homem o poder de significados, de existência, despertando o ato de agir e refletir de acordo com as ideias que os mesmos despertam. É com o mundo que os sujeitos dialógicos conquistaram o poder de liberdade.

A liberdade surge e se mantém diante do amor que o homem tem consigo e com o outro, é possível o diálogo diante do amor, “o amor é, também, diálogo” (FREIRE, p.51, 1987). É a coragem que possibilita a sensação de compromisso, em consequente, o ato de libertação, o fato é que tem que haver amor, se não houver, logo não haverá diálogo.

É impossível dialogar com homens que se dizem donos do saber, donos de uma auto-suficiência, desenvolvem uma ignorância superior aos outros, demonstrando estes não ter amor, não ter diálogo com o mundo, o homem é certo de se fazer e refazer diante as mudanças, podendo assim, se aproximar do outro, afastando a ignorância de si, aproximando assim o ser mais, este direito de qualquer homem.

O homem dialógico entende-se por um homem crítico, ou seja, o que pode se fazer diante das situações concretas, as possibilidades que o diálogo gera para o renascer do

homem, é como assevera Freire “[...] pode renascer. Pode constituir-se. São gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação.” (p.52, 1987). A confiança é um dos sentimentos que dá ao homem, o sentir que se pode ir longe, sempre confiante e seguro que dialogar é sempre o melhor para todos.

Cito Freire (p. 52, 1987) quanto ao limite do diálogo, ou o não uso coerente do mesmo, “falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira.” Entende-se o diálogo como o instrumento de transformação do homem democrático, daquele que luta de forma justa para que a igualdade aconteça através da educação. Não se pode esperar por mudança, se o homem não atuar de acordo com o ser mais, que está em si, o homem não se pode deixar calar, sendo o calar fator de desesperança.

O diálogo não pode acontecer na desesperança do homem. É o diálogo que desperta no homem o pensar crítico, desperta no homem a comunicação, estabelecendo a superação do educador e educando, mesmo diante a contradição, sendo o diálogo a mediatização da educação verdadeira.

Em uma situação pedagógica, a educação se estabelecerá se o educador se apropriar antes do conteúdo programático, tem que despertar no educando o diálogo, “esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação.” (FREIRE, p.53, 1987). O educador-bancário não utilizará o diálogo de acordo com os conteúdos programáticos, ou seja, não desenvolverá no educando situações de indagações, que desperte a criticidade, porque é simples, não se pode entregar conhecimentos.

É na rotina do ensinar que o professor por vezes já cansado não se pode deixar a alegria de ensinar ir embora, é no dia-a-dia que o professor tem que procurar descobrir na mente a capacidade de espantar-se com o educando, pois é nesse momento que se observará a existência coerente da própria prática, substituindo a entrega de conhecimentos pelo ensinamento.

2.2 – O diálogo na obra de Hans-George Gadamer.

O homem antes na história era considerado o criador do mundo, o homem tinha que comprovar tal consideração, isto se referindo à História e a denominada secularização. Antigamente o problema para o entendimento do diálogo pelo homem era a objetificação e

auto-instrumentalização, destaca-se a teoria e práxis pedagógica desviando a pedagogia da sociabilidade do indivíduo.

O homem sendo sujeito à história faz parte do mundo, a partir do momento que se conscientiza de si, possui a palavra que se amplia nos significados. O diálogo surge com Platão, o mesmo denomina-o de maiêutica, este sendo o modelo denominado de parteira. “O saber do mundo da vida, característica da profissão originária da parteira, vê-se, aí substituído por um conhecimento cientificamente legitimado e, por isso mesmo, construído pelo próprio homem.” (FLINCKINGER, p.40, 2010).

Esse modelo caracteriza-se como maiêutica, ou seja, experiência dialógica concebida por Platão, esse saber daria possibilidades de detectar o saber pelo educando resultando em sua própria reflexão denominado o processo de aprendizagem autorreflexionante.

O ponto do fundamento ético hermenêutico tem-se “o respeito pelo o outro, pelo diferente de nós, significa uma postura ética fundamental, pois reconhecemos o ver ao encontro como desafio, como que uma pergunta que nos obriga a responder”. (FLICKINGER, p.41, 2010). Para aprender algo, é preciso aceitar o que o outro nos coloca para ampliar o raciocínio respondendo as perguntas, respeitando o outro de acordo com a sua reflexão.

A experiência hermenêutica é a linguagem diante a reflexão, ou seja, diálogo vivo abrindo horizonte de sentido inesgotável. Abrindo espaço de atenção e escuta ao outro considerando nossas convicções e certezas.

Assim, com convicções que se fala da educação para Gadamer (2001). A educação é adquirida pelo homem através do meio social em relação com o próprio homem, pois a educação é um processo através do qual o próprio homem cultiva o seu ser, ou seja, o conhecer mais sobre sua cultura e seu mundo, ele consegue se reconhecer e se desenvolver como um ser histórico, realizando-se por meio do diálogo, a partir da língua materna com o “aprender a falar”.

Assim, o diálogo acontece de diversas formas: a primeira pode-se dizer que acontece através do aprendizado da língua materna com o início do processo de comunicação da criança, sendo interessante para ela e para a família o desenvolvimento da língua, é nesta fase, que o aprendizado de certos nomes ficará pela vida toda.

A segunda será a participação da família, sendo de fundamental importância nesta etapa do aprendizado da fala, pois se obterá a chamada educação de berço, e consequentemente implicará na comunicação, permanecendo até o último dia de vida. Já no

meio escolar o diálogo surgirá como ferramenta principal para a ação educativa, visto que acarretará em uma modesta parte da educação.

Por conseguinte, a sociedade também tem sua contribuição no processo de formação do diálogo, pois é na sociedade que se sustentará a comunicação através da interação pessoal, e “para não esquecer nunca que nós mesmos nos educamos que é a gente que se educa” (GADAMER, p.15, 2001). Portanto, nos primeiros anos do aprendizado da fala, inserida de forma mecânica pelos pais e depois inserida pela escola através da comunicação, é que acontece o diálogo como fio condutor entre educação e formação.

O aprendizado da língua estrangeira tem como ápice o aprendizado de uma nova gramática ou de novos conhecimentos, pois o aluno passa a ser treinado a aprender uma nova língua, sendo que em sua maioria não estão preparados para esse novo aprendizado, e com isso acabam pensando não estarem preparados para essa nova língua, para essa nova etapa, pois é sabido que para ter acesso a um novo mundo, é preciso do aprendizado.

É dessas primeiras experiências que temos de partir, para não esquecer nunca que nós mesmos nos educamos, que é a gente que se educa, e que a pessoa que chamamos de educador participa somente com uma modesta contribuição, seja como professor seja como mãe. (GADAMER, p.15, 2001).

Ao acessar um novo mundo, tem-se também um ponto principal de aprendizado, a relação com o outro, pois é a partir de então que a comunicação acontece, a comunicação é um ponto importante para nós seres humanos, pois é uma habilidade linguística que surge através do estar - junto, sendo esta o grande segredo da natureza, que nos diferencia dos animais, é por meio da língua que a educação acontece, assevera Gadamer (p. 22, 2001) “[...] é um processo natural, que acredito, cada um aceita amistosamente através de tentativas de compreensão”.

Quando não há reflexão, interação e discussão, durante o processo de aprendizado no ato de comunicação, não acontece o diálogo. O espaço escolar é pertencente ao diálogo, é de grande relevância para o desenvolvimento pessoal, e quando não se tem espaço para que ocorra a iniciativa e a capacidade para o julgamento, não propicia o diálogo para o aprendizado.

Analisando então, o papel dos meios de comunicação neste processo, os mesmos agem com o seu forte poder de alienação, agem como anestésicos moldando as pessoas para não darem opinião, para não usarem outro meio de informação, e com isso acabam usando apenas

uma parte da reflexão, aceitando com facilidade exposições, portanto os meios de comunicação e a TV acabam não educando.

Embora a comunicação dos meios de massa seja uma ameaça à formação, a mesma influência na educação, de forma atuante, pois tudo domina e manipula, ao contrário da educação familiar, que pode ser vista como uma educação falha ou não, falha quando não acompanhada pelos pais, ou seja, o problema está quando os pais assumem o seu trabalho profissional deixando um vazio na formação e educação dos filhos, entretanto a educação que tem o acompanhamento dos pais se torna uma educação simples percebida pelo respeito a partir da formação.

Ainda que a educação seja o ápice de todo o processo de formação é na língua materna que surgirá o diálogo o fio condutor da educação, por isso a importância de uma conversa de qualidade para que a educação aconteça de forma natural, pois a voz faz com que nos eduquemos mutuamente através de discussão e interação, assim a mudança acontece a partir de nós mesmos.

As relações e as mudanças acontecem a todo o momento, por isso a importância da mudança, e do educar-se, saber a forma da própria formação é a própria capacidade de juízo que acontece no auto-educar-se, fazer diferente dos padrões. Enfim, a educação e formação ocorrem através de forças humanas, e somente acontecerá se o progresso da tecnologia e mecanização não afetar o homem. Tratar o diálogo como principal fator para que aconteça a educação é para Gadamer a base fundamental para que a educação se desenvolva, a partir da identificação das fraquezas, para assim mudá-las.

O indivíduo apropriado da língua materna, com conhecimentos em línguas estrangeiras, sendo estes conhecimentos adquiridos e postos em prática, sendo acompanhado pela família no processo de educação, quando bem instruído no processo educacional escolar, acaba sendo preparado para atuar e refletir o meio em que vive e não se sujeita a aceitar as imposições dos meios de comunicação, sendo um indivíduo crítico atuante na própria reflexão, significando para Gadamer um indivíduo educado.

2.3 – O papel do diálogo na formação da criança.

A educação acontece em meio às relações sociais. O espaço escolar está incluso no ato de educar e no de dialogar, portanto, as observações abaixo foram feitas em meio a esse espaço, sendo explorado em sua maior parte o espaço de sala de aula. Este é o espaço real em

que de fato o diálogo acontece, tendo como resultado o debate aberto entre o professor e o aluno.

A sala de aula é vista como espaço de interação social e um espaço rico em conhecimento. Este espaço se bem utilizado pelo professor e pelo aluno passa a ser um espaço essencial na formação de ambos, como afirma Novelli (1997, p.44)

Da sala de aula resta analisar o que lhe é essencial, isto é, o que sem o qual deixa de ser o que é. É precisamente a atividade desenvolvida em seu interior que a distingue de outros espaços. Ao mesmo tempo, a sala de aula pode ser deslocada para lugares os mais diversos possíveis, pois sua atividade essencial extrapola limites físicos.

Para o entendimento do diálogo segundo os estudos de Freire (p.51, 1987) utiliza-se a seguinte definição para se obter diálogo, “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”, a base para que o diálogo aconteça é amar, entende-se amar atitudes do bem para com o outro, isso é educar e para educar é preciso entender o que o outro diz e o que o outro faz, portanto, o intuito de estabelecer o uso do diálogo como instrumento didático em sala de aula, é tão somente para despertar na criança o ato de amar o pensar, de duvidar, de perguntar e de criticar, pois somente assim a criança desenvolverá a sua capacidade intelectual e reflexiva buscando sempre o porquê das coisas.

No entendimento do por que das coisas, outro importante ponto a ser citado, logo de início refere-se a Fiori (p.11, 1987) quanto ao conceito de diálogo:

O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É, ele, pois o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a finitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma.

O diálogo é o encontro de si mesmo, a partir da própria consciência aberta para a finitude, essa historicização em uma das aulas ministradas na disciplina de ciências, foi observada no comportamento das crianças tamanho apreensão e ansiedade, para ganhar o poder de falar e o compreender, este é sentido quando cada aluno tem o interesse em participar, cada um querendo colocar um ponto a mais sobre o que sabe e entende sobre higiene.

Quando um dos alunos pede a palavra e diz que é preciso ter higiene, para não ficar doente, entende-se que ele já deve ter alguma experiência de vida, ou seja, faz parte de sua

historicização, apesar de ser somente uma criança, já compreende e traz consigo uma parte da educação informal.

A educação desempenha um papel importante neste projeto de sociedade, uma vez que ela própria passa por um processo de mudança e um despertar de um novo tipo de sociedade, favorecendo a autonomia, a solidariedade e a inclusão de todas as pessoas nesse processo. (PIRES e PIRES, p.11, 2011)

É a partir do despertar que a inclusão se fará pertinente mediante a relação do professor e aluno quanto ao uso do diálogo, pois o aprendizado acontece quando o professor se preocupa realmente em criar possibilidades atraentes e gratificantes de aprendizado, assim a aula com o diálogo, torna-se para o aluno um processo de motivação desenvolvendo a auto-estima como assevera Pires e Pires: “aquilo que os professores não podem jamais esquecer é que sua principal função como educadores consiste em mediar o acesso ao conhecimento por parte do aluno, devendo este assumir plena responsabilidade de sua própria aprendizagem”. (p. 38, 2011).

No entanto, “[...] a palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transformando-as; não é só pensamento, é práxis” (FIORI, p.12, 1987) é com base nesta afirmativa que se reforça a importância da palavra diante da seguinte observação: a palavra é exposta na forma inocente e natural quando um dos alunos quer mostrar ao irmão que o mesmo está errado em não querer escovar os dentes e, uma forma também de querer mostrar a esse irmão a importância do cuidar da saúde.

O diálogo por ser algo tão presente à capacidade humana acredita-se que “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.” (FREIRE, p.51, 1987) a relação com o outro implicará a pronuncia do que se quer falar, pois estão diante o mundo que aproxima um e o outro diante as informações fáceis e dadas, facilitando a comunicação, estabelecendo encontros.

É através do diálogo que as ideias se unem, pois dá a possibilidade de pensar com outro, é através dessa junção que se define o diálogo como “a forma do pensamento que pergunta: no diálogo, as ideias de uns e de outros se modificam” (KOHAN et al., p.179, 2002) entende-se que a conversa surge para o diálogo onde uma pessoa escuta e a outra possibilita o pensar do mesmo em um processo de tensão do diálogo. Então, a importância do professor dá o espaço para que o diálogo aconteça, sendo essencial para a formação da criança, enquanto ser em formação.

Pensa-se em uma formação consciente e dialógica, ou seja, a criança a partir do momento que estiver sendo educada, que esta educação seja de forma consciente e clara quanto aos diversos âmbitos sociais, dialogando a importância das instituições e, a importância do conhecimento. Pois Gadamer (p.14, 2001) assevera a questão do conhecimento e do educar dialogado quando afirma “educação é educar-se, formação é formar-se.” Os fatores de educação e conhecimento estão juntos, pois o educar-se parte do dialogar em busca do conhecer.

Além do conhecer, quando entrevistada a Diretora da escola relaciona o entendimento que a própria tem sobre o diálogo, a mesma vê como forma de interação, a interação que a mesma se refere e se relaciona com os Pais, alunos e funcionários da escola, quanto à participação da família destaca-se a importância dos Pais e do educador desde os primeiros anos do aprendizado da fala.

Para que de fato aconteça o aprendizado da fala é preciso que a criança escute conversações, a conversação é um dos tipos do diálogo. Na fala da Diretora e da professora do 3º ano, o diálogo existe desta forma em sala de aula, a criança em formação passa pela fase de conversar e perguntar, portanto, é natural que ambas digam que considere o diálogo como conversação, é através da conversação que nos educamos.

A infância e a criança sempre em relação constante de formação, sendo à base dessa formação a educação, relacionando assim, os Pais e Professores.

Enfim, é pensando nesta etapa da vida do homem, que se baseia e analisa-se o calor da fala imaginativa das crianças, neste pequeno diálogo, onde mostra a importância do mundo da infância e, como a escola faz parte desse mundo, a escola nasce junto com a concepção da criança moderna, “a distinção do mundo infantil, do mundo adulto e a conseqüente tentativa de conhecer as especificidades deste momento da vida do ser humano”. (KOHAN et al., p.214, 2002). A criança faz parte da sociedade, atua junto da sociedade quando participa de trabalhos junto à imprensa, quando fala, quando pensa, quando consome, portanto, pensar a criança como ser que tem a capacidade de dialogar a sua maneira de ser infantil.

De acordo com Kohan et al. (p.216, 2002) “buscar o sentido da infância é buscar o sentido do que já se passou, do que está sendo, do que poderá ser e do que nunca será. A infância é a etapa de nossas realizações de crianças, mas também o que não fomos e pensamos ser, nossas fantasias, nossos projetos, que podem nunca se realizar”.

A infância é o período em que a criança se encontra vulnerável, é durante esse período em que o aprendizado é reforçado pelos pais, como o aprender a sentar, a caminhar, a falar, enfim, é o desenvolvimento da criança, é a primeira etapa que a criança tem para conhecer o diálogo. Quando o diálogo é utilizado de forma coerente pelos pais, o mesmo tem relevância na formação do ser criança, desenvolvendo assim a criança em ser adulto respeitoso por suas leis, adultos conscientes dos limites e poderes de transformação em busca do melhor para uma sociedade justa e igualitária.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 – Antecedente Histórico sobre a Escola Municipal São Gabriel.

A Escola Municipal São Gabriel encontra-se situada na Zona Rural da cidade Picos-PI. A mesma atende um público de 275 vagas por ano, estes são da própria localidade ou de bairros vizinhos da cidade de Picos.

Esta Instituição é referência na qualidade do ensino e, com isso gera um grande número de procura por Pais para a realização de matrícula do filho.

Em um breve histórico desta escola, tem-se o início de fundação por volta dos anos 90 no bairro Cipaúba, a iniciativa foi da Senhora Zilda Sousa Barros a então fundadora, vendo que as crianças que tinham em torno de cinco a sete anos de idade tinham mais o tempo ócio do que uma ocupação rica em conhecimento.

A mesma decidiu colocar as crianças para estudar em vez de somente brincar o dia todo por não haver escola nas proximidades naquela época, e por isso não podiam frequentar a escola. A fundadora Zilda Sousa Barros teve o interesse de alfabetizar as crianças incluindo suas filhas, que até então eram pequenas e também não estudavam, esse foi o motivo do início da escola, a mesma cede então uma parte de seu terreno para a construção de pequenas salas.

Com o sucesso obtido um morador da comunidade resolveu doar as primeiras cadeiras para a escola e, mais uns anos à frente com a visita a localidade, uma freira católica participante de um projeto no exterior passou a ajudar a escola financeiramente, assim a escola passou a ser conhecida internacionalmente, com isto, passa a receber doações de uma entidade beneficente norte-americana com apadrinhamentos e também passa a receber ajuda dos pais dos alunos da escola e, mais uns anos à frente, a viagem da Senhora Zilda para a Guatemala convidada a receber um prêmio de papel social solidário.

Portanto, assim surgiu a Escola São Gabriel atendendo alunos desde alfabetização ao ensino fundamental II. No início deste ano, a ajuda financeira norte-americana encerrou e, com isso, a escola em processo de diálogo com o Prefeito e a Secretária de Educação da atual gestão de Picos decidiu fechar um contrato com a escola para a continuidade do trabalho educacional, passando então a receber ajuda financeira do município de Picos. Assim a escola passa a ser Escola Municipal¹ São Gabriel.

A metodologia definiu o caminho percorrido para chegar até os objetivos definidos. É através da metodologia que realizamos a construção do entendimento do pensamento humano. Portanto, definiremos nesse tópico os tipos de pesquisa, os procedimentos de coleta de dados e como construímos esses instrumentos, a classificação dos dados e sua análise.

A escola investigada foi a ESCOLA MUNICIPAL SÃO GABRIEL da Rede Municipal de Picos, (universo da pesquisa) e os sujeitos foram alunos e professores de 1º, 2ª,3º e 4ª série do primeiro ciclo do ensino fundamental I. A escola se localiza num bairro popular, de alunos carentes com problemas sociais visíveis como a desestruturação familiar, pobreza, falta de saneamento básico e condições precárias tanto na estrutura escolar como nas condições de trabalho dos professores.

Portanto, nossa investigação tem uma particularidade que é apreender como se estabelece o diálogo nas escolas das camadas populares. Realizou-se previamente um levantamento dos padrões de gestão e organização do trabalho pedagógico, analisando os documentos, buscando identificar quais teorias e autores presentes que se aproximam do tema diálogo na escola.

Primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica, que segundo Gonsalves (2007) tem com o objetivo alcançar o conhecimento acumulado, o que seria uma pesquisa qualitativa para uma explanação das observações que serão abordadas. Ou seja, com a pesquisa bibliográfica alcançou-se os conceitos de diálogo em Freire e Gadamer, descrevendo como estes foram utilizados.

Definiram-se as dimensões centrais do objeto abordados. Isso se perpetua através da leitura e fechamento das obras e textos dos autores. A leitura das obras de Paulo Freire está voltada para discussão da dialogicidade, alcançando a identificação do conceito como ferramenta de análise do objeto em construção.

¹ A escola passa a ser Municipal devido ao acordo fechado com a prefeitura da cidade de Picos no Estado do Piauí.

Foi necessário estudar o enfoque hermenêutico, tendo como base Gadamer e como este possibilita investigar o tema proposto, elucidando suas particularidades e definindo como base para interpretação dos dados. Este enfoque está voltado para a interpretação, de forma a anunciar, esclarecer e traduzir a realidade investigada. O ser humano, por natureza, é sempre um ser interpretativo. Isto é, buscou-se os significados das conversações com alunos e professores. Para tanto, foi necessário responder: O que é um diálogo? O que justifica o diálogo hermenêutico? Como se forma esse diálogo hermenêutico?

Outra definição importante deste estudo, é que foi realizado a partir de um estudo de caso, pois “é o tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno”. Entendemos também que este focaliza um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões. Valoriza-se o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da análise situada e em profundidade. Como afirma André:

[...] os estudos de caso podem ser instrumentos valiosos, pois o contato direto e prolongado do pesquisador com os eventos e situações investigadas possibilita descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto e das circunstâncias especiais em que se manifestam. (p.97, 2013)

Dos tipos de estudo de caso, escolhemos o estudo de caso instrumental, pois, é aquele em que o caso é uma questão ampla como o uso do diálogo no processo didático. Assim, estabeleceram-se as hipóteses já encontradas e discutidas, procurando também aprender a especificidade do espaço que iremos investigar. Então, uma das palavras-chaves do nosso trabalho de investigação é a interpretação, da qual foi feito um estudo bibliográfico um detalhamento de como este conceito é utilizado na sustentação teórica do objeto.

Realizou-se também trabalho de campo para coletas de dados, a partir de técnicas da observação e entrevistas. Para as observações feitas em sala de aula, utilizou-se um caderno de campo para anotações detalhadas das relações pedagógicas, ausência ou presença, especificidade do diálogo, entre professor e aluno, procurando apreender sua importância e quais as formas em que este se materializa na escola estudada.

Quanto o instrumento utilizado na coleta de dados utiliza-se do método da observação, é através deste método que o pesquisador vai explicitar o seu papel e dos propósitos da pesquisa quanto ao sujeito, é a partir desta técnica que o pesquisador vai decidir

o grau de participação no trabalho. Para se alcançar a observação é preciso que se tenha planejamento e preparo material, físico, intelectual e psicológico para a realização de registros descritivos, organizando as anotações.

As vantagens do uso do método da observação como assevera Sousa e Nunes (p.4, 2011) “proporciona a experiência direta com o fenômeno estudado; permite chegar mais perto da perspectiva dos sujeitos”, logo uma das desvantagens da observação é a causa de provocar alterações no comportamento das pessoas e no ambiente.

As partes em que a observação se permite investigar denominam-se de descritivas, a partir da descrição dos sujeitos, reconstrução de diálogos, descrição de locais, descrição de eventos especiais, descrição das atividades e os comportamentos do observador. A observação parte de reflexões analíticas, metodológicas, dilemas éticos e conflitos para enfim esclarecimentos necessários.

A entrevista foi utilizada como recolhimento do depoimento dos professores. Esse método é uma conversa com perguntas e respostas desenvolvendo um diálogo, conversação, entre pesquisadores e sujeitos sociais. A entrevista possibilita a existência de perguntas abertas e fechadas estas devem ser curtas e claras, assim obtém informações prévias sobre o entrevistado ou assunto da entrevista estabelecendo contato com o entrevistado.

As observações foram organizadas em dois blocos: i) dos professores; ii) dos alunos. Em seguida identificou-se elementos particulares que caracterizem o diálogo para que estes sejam interpretados. As entrevistas foram transcritas e em seguida classificadas em fichas, nas quais, fez-se a distinção dos elementos a serem problematizados.

A problematização deste estudo foi acompanhada de acordo com os objetivos que se destinavam como: o dia-a-dia da sala de aula, a rotina dos professores e dos alunos, o espaço escolar, a relação dos alunos com os funcionários, e vice e versa o conteúdo proposto na aula, a organização dos horários, a participação dos professores.

A linguagem que se desenvolve nesse espaço escolar, também foi analisada, pois a conversa acontece e faz parte da interação de todos dentro do ambiente escolar.

A escola como espaço de investigação disponibilizou os funcionários solicitados para a realização da pesquisa, a diretora, que logo foi a primeira a participar da entrevista, prontamente respondendo a cada uma das perguntas, sendo importante para entender o desempenho e a relação que dispôs com os alunos. Quanto à participação da coordenadora pedagógica, a escola não possui esse profissional, por isso justifica-se a ausência desta quanto

a não participação na entrevista, porém, as professoras participam, especificando a turma a qual pertence.

A professora da turma de alfabetização participa, sendo a turma do 1º ano, a professora do 3º ano e a professora do 4º ano também participam. A participação de todas teve uma grande relevância, pois cedeu espaço de entendimento para a realização da pesquisa na sala de aula, a situação do trabalho pedagógico, o comportamento dos alunos e a utilização do diálogo pelo aluno e pelo professor.

Por último, os dados classificados serão interpretados à luz dos conceitos aqui destacados.

4. O PAPEL DO PROFESSOR E O DIÁLOGO NO ESPAÇO ESCOLAR.

Amar é comunicar-se e revelar-se ao outro. O diálogo é uma porta que nos permite ingressar na vida daqueles quem amamos. O ponto de partida para o diálogo é assumir uma atitude de abertura: abrir o coração um para o outro. Tornar-se receptivo, ser acolhedor, dispor-se para escutar e dar importância ao pensamento do interlocutor, valorizando suas ideias. Diálogo é encontro de pessoas, intercâmbio afetivo e troca de ideias. A prática do diálogo torna mais íntima a convivência e esta permite o crescimento do amor. (Frei Anselmo Fracasso)²

Pesquisar, estudar e conhecer o diálogo é entender o processo de amor ao outro como revela Frei Anselmo, assumir que está aberto ao outro, para assim acolher o próximo na disposição do simples ato de escutar.

Assim, inicia-se o relato das observações. A observação do dia 26 de agosto de 2015, na sala de aula da turma do 4º ano, tem como início da aula as atividades no caderno, a conversa acontece de aluno para aluno e os assuntos são corriqueiros do dia-a-dia.

O diálogo da professora do 4º com os alunos são sempre voltados com explicação sobre correção quanto o modo de falar, sobre assuntos do senso comum, sobre comportamento, como por exemplo, um dos alunos fala sobre colocar um brinco na orelha e a mesma começa a explicar que é feio. “Quem usa brinco é mulher”, diz a professora. E o aluno termina por calar-se e desisti de dialogar com a professora quando a mesma cita o exemplo.

² Frei Anselmo Fracasso é gaúcho de Balisa. Tem 82 anos de idade. Está forte e rijo.

Aqui percebemos que o diálogo entre professora e aluno se estabelece a partir de valores existentes na sociedade.

Não existe um diálogo saudável se não partimos do reconhecimento dos valores e da cultura trazida pelos alunos.

Entende-se que o diálogo tem o intuito de estabelecer uma relação de discussão entre aluno e professor, mas observa-se que atitude da professora baseia-se na pedagogia da omissão, não abre espaço para o aluno falar, contudo, a atitude da professora poderia ser uma atitude diferente, estabelecendo uma problematização, de forma a evitar a imposição do conhecimento. A professora reforça a pedagogia do colonizador como assevera Gadotti (p. 82, 2012)

[...] a pedagogia reacionária, pedagogia do colonizador, é uma pedagogia que forma gente submissa, obediente, incapaz de participar. Essa pedagogia esconde-se, hoje, atrás de uma pseudo não diretividade. É uma pedagogia da omissão que faz o jogo da ideologia dominante, cujo objetivo fundamental é a não participação, a docilidade, a subserviência.

Esse tipo de atitude não seria a esperada por parte da professora, pois as mudanças aconteceram e, percebe-se que as crianças atuais têm mais informações, tem mais o que conversar e, conseqüentemente teria que ter mais espaço para poder falar de inúmeros assuntos.

O professor tem que contribuir de forma clara e positiva com o aluno sempre, não pode deixar de se colocar com uma postura política, não pode ser neutro, pois o professor tem a relevância quanto à participação e a discussão para a efetivação do diálogo. A educação faz parte da atuação do professor diante o processo de discussão, por isso, a importância do professor, a omissão do mesmo não estaria assim de acordo com o desenvolver do ato educacional. Cito Freire (p.70, 1996):

Especificamente humana a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exige de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente.

São os assuntos que fazem o educando refletir, assim para ensinar este educando, “[...] o ensinar exigirá respeito aos saberes do educando.” (FREIRE, p.30, 1996). É preciso que os educandos tenham espaço e liberdade quanto à fala, às discussões. É preciso que o professor

relacione “a razão de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, p.30, 1996) o professor tem que ter o bom senso de relacionar o conteúdo com a realidade do aluno, gerando a discussão em torno do tema em busca do objetivo de criticidade, assim formando um aluno crítico da sua própria realidade.

Quanto à observação do dia 28 de agosto de 2014, turma do 3º ano, como a escola encontrava-se no período avaliativo, no primeiro horário os alunos fizeram avaliações, e de imediato percebo a professora chamando atenção dos alunos através de um tom de voz alto, a mesma afirma e justifica que os alunos se habituaram a conversar, entende-se como uma forma de desabafo da mesma por demonstrar cansaço diante a rotina educativa.

Mais a esperança do ato de educar tende a ser renovada, é preciso alegria, é com base em Freire (p.72, 1996) que é colocada a alegria em questão, afirmação pertinente “[...] a esperança de que o professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria.”

A professora devido ao cansaço age de uma maneira que deixa expectativas futuras quanto o seu papel de educadora, entende-se que a função da mesma é de acompanhamento e desempenho lógico do aluno, atuando como facilitadora da ação do pensar deste aluno, apesar do cansaço, o professor não pode se deixar abater, perder a esperança no futuro melhor, tem que aliar à esperança a prática do dia-a-dia.

Além, da esperança, o professor precisa se habituar a dialogar com o aluno, é considerável quando Gadamer (p. 17, 2001) fala, “falamos às crianças e sabemos como é difícil fazer com que nos ouçam, pois elas preferem tranquilizar-nos com um sorriso sedutor, quando se é estranho.” É difícil fazer com que ouçam, mais é preciso que se habituem a ouvir, somente assim serão crianças aptas a escutar e a falar de forma coerente o que pensam assim o professor não perderá a sua luta de educar diante o cansaço que o toma no decorrer de sua atuação e esforço, é assim que o professor influenciará modestamente o processo de educação em forma de diálogo.

Mas, é durante o ato de conversar que a formação acontece, uma formação mais sólida, pois o diálogo é algo formador, entende-se que a afirmação da professora quanto aos alunos: “eles se habituaram a conversa”, é uma afirmação não compreensível por parte da mesma, não conhece a importância da conversa para a formação da criança, pois “quando se fala, fala-se para alguém” (GADAMER, p.14, 2001), desenvolvendo um dos pontos Gadameriano, a dialogicidade, a conversa acontece e a formação se efetiva na compreensão.

Cito Batista (p.14, 2007) “A compreensão é entendida como um modo originário de ser do homem que está essencialmente vinculado à nossa experiência prática de co-participação na vida comunitária.” É dessa noção de compreensão o entendimento de falas e perguntas do aluno, é a linguagem humana que estabelece a comunicação em torno da vida comunitária, em torno do que se vive diante a comunidade e diante do que se partilha dessa comunidade, ou seja, falas vivas de experiências em sentido de alteridade, portanto, a importância do conceito dialógico da compreensão.

É de acordo com a compreensão que se destaca a observação do dia 08 de setembro de 2015 na turma do 2º ano, inicia-se com acolhida aos alunos, em especial uma aluna que está fazendo aniversário, em que a turma é convidada a cantar os parabéns para a menina aniversariante.

Todos entusiasmados cantam os parabéns, depois a professora faz a chamada para verificar a presença dos alunos, e então, a aula que segue sendo a primeira aula de religião tendo como conteúdo: O sabor da vida. Após uma explanação e discussão é realizada uma atividade avaliativa de religião. Uma pergunta surge. O menino pergunta: “Tia quanto vale essa atividade?” Resposta: “Tem o valor de 6,0 pontos.”

Destaca-se a curiosidade do aluno quanto o valor da atividade, penso que seja para ele uma forma de estimulação quanto às respostas e o empenho que por ele será desempenhado para responder a atividade como forma de obter a pontuação avaliativa em questão.

A preocupação e a forma simples de perguntar denota o respeito por parte do aluno, o mesmo preocupado e instigado perguntou e, neste momento, afirma-se uma citação de Gadamer (p.18, 2001) “[...] alguém que, sendo criado em condições simples, recebe uma boa educação – que se percebe no seu modo de falar – tem características atraente que reconhecemos imediatamente com respeito.” A família e a educação também fazem parte do processo da fala, da conversa tornando então a criança respeitosa com todos.

Então, a aula prossegue, pois se inicia a atividade. A leitura da atividade é feita em voz alta e, assim, todos acompanham e surgem dificuldades de uns três alunos, mais mesmo assim, com a leitura feita vão todos acompanhando e respondendo a atividade.

Em outro momento na aula da disciplina de História sobre a Independência do Brasil, os alunos participam falando dos índios, os mesmos entendem o processo histórico de Colônia que se encontrava o País. Observo o seguinte diálogo:

“D. Pedro I tá na lua. Pois eu já vi, ele tá lá.” (menino 1)

“Não” (menino 2)

“Quem fica na lua é São Jorge.” (menino 2)

Percebe-se o poder que a fala tem, as impressões e discussões dessas crianças baseiam-se no entendimento infantil e imaginário das mesmas, cada fala denota a surpresa interessante desse mundo infantil, é da infância que cada uma dessas crianças irá mostrar o que elas trazem consigo de acordo com suas experiências. Então, o simples ato de iniciar uma conversa já desperta o interesse e a curiosidade do outro, quanto o simples ato de escuta e compreensão.

Em relação à observação do dia 09 de setembro de 2015, turma do 2º ano. Durante uma aula de geografia, tendo como conteúdo: Água: saber usar para ter sempre. Os alunos trouxeram reportagens sobre o uso da água, sendo que fizeram uma pesquisa antes, depois se formou grupos com os alunos. Essa formação de grupo é característica didática de Paulo Freire quanto à utilização do círculo de cultura, cada aluno começou a apresentar sua opinião e a falar sobre a água.

De acordo com a continuidade da aula, a lista que se formou rapidamente foi esta com os pontos citados abaixo pelos alunos.

A ÁGUA: A RIQUEZA E SEUS BENEFÍCIOS

01 – “37% da água no Brasil é desperdiçada.”

02 – “A água pode ser reutilizada.”

03 – “Seca provoca a maior taxa de desemprego do Sertão.”

04 – “É proibido lavar a calçada.”

05 – “Rodízio em São Paulo pode chegar a 5 dias sem água.”

06 – “Preserve a água do Planeta Terra.”

07 – “Dia 22 de março – Dia Mundial da água.”

08 – “É importante a água ter qualidade.”

09 – “Falta de água já afeta 46 milhões de Brasileiros.”

10 – “São Paulo e o Nordeste sofrem com a falta de água.”

O entendimento das crianças quanto ao assunto pesquisado é amplo e a discussão e as falas seguem consistente com o tema água. Como são crianças que vivem na realidade dura do Nordeste, é presente a falta de água no dia-a-dia, eles debatem com propriedade sempre concordando com a opinião do colega e pedindo a vez para falar.

Entendo o processo de compreensão que assevera Gadamer (p.559, 1999) “[...] compreender o que alguém diz é, como já vimos, pôr-se de acordo sobre a coisa, não deslocar-se para dentro do outro e reproduzir suas vivências”. As experiências com a realidade da seca em relação à água induz eles a compreensão diante da realidade do cotidiano, e suas perspectivas vistas de maneira simples e natural.

É nesse momento de construção da lista que se observa a vontade de querer falar e participar de cada um dos alunos fica evidente “[...] às relações com as outras pessoas, à comunicação.” (GADAMER, p.16, 2001) Esse é ponto principal de Gadamer quanto ao conceito de linguagem, de onde advém a Hermenêutica Filosófica, ou seja, a linguagem com suas razões no homem e suas questões de conhecimento.

É através da linguagem que o homem vai expressar seus sentimentos e pensamento, e, assim, compreender e se autocompreender. Cito Batista (p. 19, 2007) “[...] a compreensão é sempre pressuposto de toda relação, seja com o mundo que nos cerca, seja conosco”. Enfim, o diálogo significa uma sensibilidade hermenêutica de compreender o outro, a partir do nosso próprio modo de compreender, dialogando com o outro.

O outro e o entendimento ficam perceptíveis na observação do dia 23 de setembro de 2015, na turma do 2º ano, durante a aula de geografia. Esta aula tinha como conteúdo o consumo, a atividade de geografia tinha como proposta metodológica uma discussão em torno do conteúdo reciclagem e sustentabilidade.

O diálogo inicia-se da seguinte forma:

(Aluno) “Não somos adultos para discutir.”

(Professora) “Sei que não são adultos, mas vamos todos pensar na cabeça que faz parte do nosso corpo”. “Vamos pensar que nossa cabeça é mágica e ela nos ajudará a pensar e a discutir, mesmo todos vocês sendo criança.” No entanto, é neste diálogo que denota-se a importância do respeito do educador quanto a autonomia do educando, portanto, cito Freire (p.59, 1996), “[...] o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” É visto que o tema respeito é fundamental na educação, principalmente como educação em valores, quando o professor demonstrar pelo aluno e por sua participação na aula, automaticamente a atitude daquele e de todos os outros é claramente percebida, pois sentem-se valorizados e dignos de participação na aula.

O professor não pode desrespeitar a curiosidade do seu aluno, a linguagem do mesmo, isso seria minimizar esse aluno, e o professor estaria deixando de cumprir com o seu dever de ensinar. O professor que desempenha seu papel de educador olhando de frente a realidade do aluno e a qual está inserido, este professor acaba por “[...] estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando” (FREIRE, p.60, 1996), logo a formação e a participação linguística deste aluno respeitada pelo professor, será também respeitada pelos colegas de classe em que estão.

Assim, torna-se claro, a prática do educador coerente exige o diálogo e o respeito quanto à identidade do educando, por isso a importância da dialogicidade, esse outro conceito de Freire (p. 60, 1996).

[...] que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.

E, enquanto as crianças em processo de formação, a dialogicidade e o entendimento das mesmas é parte fundamental, para uma formação de fato verdadeira e ética. A sala de aula faz parte do ambiente ético e justo no processo formador.

Em continuação dissertativa das observações, a aula prosseguiu normal e os alunos participam ativamente da aula. Alguns levantaram a seguinte questão os seguintes pontos em torno da discussão sobre o consumo:

- “Consumimos porque temos necessidades.”
- “O consumismo desenfreado gera o aumento do lixo.”
- “O consumismo é negativo para o planeta.”
- “Comprar somente o que é essencial.”

O tema consumo é atual e relevante devido à situação econômica em que se encontra o País e o Planeta. Falar sobre o consumo incentiva o pensar do aluno, estimula a relação e a atitude dele em relação ao que consome e como essa atitude afeta o planeta. No diálogo é perceptível que cada aluno entende que consumir faz parte da vida por causa da necessidade de sobrevivência e, para eles é claro que o consumo é uma atitude negativa quando pensa na preservação do planeta Terra. Os alunos que participam e discutem ativamente denotam em suas atitudes certa atenção e preocupação quanto à proposta de discussão.

Aqui se destaca um dos pontos que Freire (1996) aponta no livro *Pedagogia da Autonomia*, “ensinar exige apreensão da realidade”, quando o professor destaca como tema um dos assuntos reais do cotidiano, o mesmo está a se utilizar como recurso metodológico a realidade, afirmando então a experiência educativa que pertence ao professor e ao aluno, por isso é importante entender que “[...] como professor preciso me mover com clareza na minha prática” (FREIRE, p.68, 1996) é a prática discutida e pensada pelo professor que vai mover o aluno quanto ao simples ato de aprender.

“O melhor ponto de partida para estas reflexões é a inconclusão do ser humano de que se tornou consciente.” (FREIRE, p. 68, 1996). O professor quando consciente do inacabamento do ser, estimulará o aluno a se incomodar com que é posto pela sociedade, através de educabilidade, através de um movimento de busca contínua, fazendo com que esses alunos sejam curiosos entendendo o poder do conhecimento, assim pensarão em transformação do social e pensarão também no poder que cada um possui diante do aprender.

O professor ensina e aprende com o aluno, e o aluno aprende com o professor, ainda assim, como assevera Freire (p.69, 1996) “[...] aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco à aventura do espírito.” O professor e a prática educativa estarão sempre juntos quanto o professor de inculcação do aluno.

4.1 – O papel do professor e a valorização do diálogo entre professor e aluno.

A conversação nunca chega ao fim desejado devido à sua autenticidade, é sabido que durante uma conversa uma palavra puxa a outra, tomando diversas direções que não se sabe o fim. E no cotidiano da Escola São Gabriel a ação de conversar não é diferente, para o início da manhã a formação de fila é feita para uma simples conversa, ato frequente que a diretora da escola realiza. É a partir de então que se observa o diálogo no espaço escolar antes mesmo do início da aula, sendo repassadas informações importantes, portanto, é preciso que aja compreensão por parte dos alunos.

A compreensão parte sempre do diálogo do outro, independente do fim, do que o outro passa através da linguagem. A linguagem é a ligação de uma conversa para outra, é ela que estabelece a comunicação, ou seja, “[...] a linguagem é o meio em que se realiza o acordo dos

interlocutores e o entendimento sobre a coisa”. (GADAMER, p.560, 1999). Entende-se que a partir da linguagem a escola e o professor têm como fator principal no papel de educar o preparar para a vida, para o desenvolvimento do diálogo entre o ser humano e seus pares, entre o ser humano e a terra, sempre em participação um com o outro.

Na Escola São Gabriel é desenvolvido entre alunos, professores, colaboradores da escola, o diálogo entre todos, pois a quantidade de alunos que a escola possui contribui para que as pessoas interajam entre si, permitindo assim um acolhimento maior e com isso perpetuando ações dialógicas.

É durante o ato de educar e de interação do professor com o outro, que o professor no processo de atuação enquanto educador deve fazer com motivação a sua ação pedagógica e didática, essa motivação ajudará o aluno a despertar o pensar crítico, o que não será fácil, mas a prática exigirá sempre do professor a motivação, a experiência e a vontade de acertar sempre.

Quanto à vontade de acertar, os pais também têm importância no ato de educar, observa-se essa importância na fala da diretora da escola quando entrevistada, “com relação aos pais, eu sempre tenho um bom retorno. Sempre que eu peço a um pai para vir até a escola pra gente conversar, sempre tenho os pais presentes.”

O papel dos Pais participando junto com a escola é afirmativo, em sua maioria eles vão e, entendem que o seu papel é de acompanhar de perto a educação dos filhos e o diálogo com a escola é fundamental, é preciso o ato de atuar em colaboração com a diretora de forma justa e solidária, pois a mesma quando chama os Pais até a escola, entende-se claramente a importância desses Pais no acompanhamento da educação dos filhos, não sendo a educação somente função da escola, mas da família e escola, ambas trabalhando e desempenhando as ações em conjunto.

As ações desempenhadas na escola estarão sempre em contato com os alunos, pois os mesmos são parte ativa da escola e a relação pais e direção conserva-se no diálogo, as reuniões periódicas da escola são sempre vista de forma relevante, pois os pais se fazem sempre presente e em grande quantidade, e mais, quando não podem ir para reunião, ligam para informar o porquê do não comparecimento, ou seja, os pais têm a preocupação de se mostrarem presentes e preocupados mesmo estando ausentes, mas como o tema é diálogo, pode-se dizer que, quanto ao diálogo desenvolvido com a diretora, a mesma cita:

Com relação aos alunos, aí já é um pouco mais difícil. Assim, as turmas menores costumam ter mais retorno, os maiores nunca consegue uma conversa aberta, resolver tudo numa conversa só, tem que ser 1, 2, 3, quando eu não resolvo eu converso com os pais e, também eles tem uma confiança grande em mim, que meu nome não para de ser chamado Ismênia, Ismênia, Ismênia tanto no recreio como fora do recreio tudo parece que só resolve Ismênia.

A confiança que a diretora desperta nos alunos, é entendida como uma relação positiva que a mesma teve o cuidado de estabelecer de acordo com suas atitudes. Entende-se a partir dessa citação a presença da diretora sendo fundamental para cada um deles, a convivência e o espaço entre ambos que foi estabelecido está aberto como possibilidade de um mundo de troca entre aluno e diretora, portanto, cito Freire (p.77, 1996) “[...] ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”.

Entende-se a atuação do aluno e da diretora como participantes ativos do processo do dialogar, permanecendo assim relações ativas um com o outro e, com o mundo que os cercam, determinando então decisões e escolhas, assim obtém-se intervenções e mudanças da realidade escolar, enfim estabelecendo as mudanças fora, no mundo.

É nesse estar no mundo e se fazer parte dele que o diálogo entra e participa ativo das relações, mas há quem discorde que ele aconteça, que ele exista, destaca-se a fala da professora do 4º ano: “o diálogo anda um pouco difícil né”. Diálogo difícil? O diálogo é o encontro de si com o outro, e para Gadamer ele é linguagem pura, que desperta interpretação chegando a uma compreensão.

Segundo Batista “[...] caráter próprio presente no mesmo no qual há interação entre intérprete e tradição”. (p.30, 2007) o diálogo acontece, portanto, cabe ao professor observar atentamente como começa e o que dele se compreende, podendo estabelecer pontes entre a aula planejada e o desenrolar do diálogo durante a aula, é a partir daí que a compreensão do professor e o entendimento têm como interlocutor a tradição, ambos constituídos a partir da linguagem.

Na Escola São Gabriel o turno de funcionamento é pela manhã, o período de trabalho agradável devido ao clima quente que se encontra a cidade de Picos, a aula é o momento em que acontece a troca de linguagem entre aluno e professor, entretanto, destaca-se a constituição da fusão de horizontes, “[...] e é neste âmbito que a hermenêutica realiza a sua tarefa principal, isto é, a reflexão do que ocorre no evento da compreensão” (BATISTA, p.30, 2007). Entende-se, que é a fusão que conduz a compreensão através do conceito

Gadameriano. A compreensão sempre vai acontecer através da totalidade das relações e das coisas como condição da experiência humana.

A condição da experiência humana, não é compreendida pela professora do 3º ano, quando a mesma diz “basicamente o diálogo não existe, a maioria dos professores não deixam o aluno falar, dá o seu ponto de vista, nós hoje ainda estamos vivendo no método tradicional”, percebe-se o entendimento e a dificuldade de acompanhamento às mudanças do sistema educacional, o não entendimento para se abrir espaços de fala, escuta e espera um limite do diálogo imposto diante a falta de interação professor e aluno, está faltando a noção do estar - junto.

Gadamer (p.24, 2001) assevera “[...] esse estar - junto é o grande segredo por meio do qual a natureza nos colocou num plano superior aos animais, isto é, por meio da língua como capacidade de comunicação”. A comunicação e a língua desenvolvem nas pessoas o estado de estar - junto, é claro quando se pergunta para a professora E, entende-se que a opinião da mesma é relevante para o entendimento diante do tema da pesquisa e, como ela entende o diálogo.

A professora do 1º ano responde:

“O diálogo hoje é um resultado assim positivo, porque é um meio que eles têm de interagir um com o outro.”

Observa-se nesta fala o segredo do estar – junto, as crianças, ou melhor, todas as pessoas têm que interagir uns com outros e a ponte para essa interação é o diálogo, enquanto criança, inúmeras descobertas acontecem, portanto, é preciso ter alguém para falar e dividir as experiências, por isso, a interação de um com o outro, é constituir-se historicamente na condição humana enquanto ser que compreende, a história de vida como partilha com outro em momento de interação do dialogar e do conhecer, Freire afirma:

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já ouvida por quem a disse. (p.16 – 17, 1999)

É através da troca de experiências que se conhece a história e o progresso de vida de alguém, é conversando que vai se fazendo existir, é neste momento em que o homem se reconhece como sujeito de sua cultura.

A pergunta sobre: O que é diálogo? Desperta atenção, pois a resposta dada pela maioria das professoras entrevistadas foi uma resposta comum, “o diálogo é o meio de interação, conversação entre duas pessoas, espaço de exposição de ideias e de troca de experiências.” É preciso entender que o diálogo se desenvolve através da conversação, “[...] a conversação é um processo pelo qual se procura chegar a um acordo.” (GADAMER, p.561, 1999) Percebe-se a forma do entendimento do diálogo pelas professoras está em sintonia de entendimento com as outras e também de acordo com o que defende Gadamer (2001) e Paulo Freire (1992).

O acordo acontece através do atender o outro, cada um estabelece o seu ponto de vista, portanto, é preciso que o professor valorize a fala do aluno e o mesmo faça o aluno, é através dos pontos de vista que se estabelecerá a opinião e o respeito acolhido, pautado em algo, no sentido de entendimento de individualidade, sempre procurando entender o que o outro diz.

Esse entendimento é visto diante dos projetos que a Escola São Gabriel desenvolve durante o período letivo, pois, são realizadas feiras culturais, peças de teatro, projetos literários, festas em especial no período junino, enfim, a escola tem presente essa dinâmica pedagógica, mostrando que o atender o outro é presente diante a participação de todos que compõem o meio escolar.

Para entender o outro, é preciso que a conversa seja de boa qualidade, sabe-se que haverá troca de experiências, portanto, o acontecer da educação, do ensinar estabelecendo o aprender, o entendimento acontecerá de forma natural, assim como a educação, através de tentativas de compreensão.

As tentativas de compreensão partem da formação, esta conduz ao homem sabedoria e vivência no aprender levando o homem a entender e encontrar pontos de vista universais, a fim de um mundo humanamente formado de acordo com a linguagem e o costume. “Ele trabalhou a partir de si mesmo e extraiu de si, o que ele é em si.” (GADAMER, p.54, 1999).

Pode-se dizer de acordo com Gadamer (p.56, 1999) que o simples fato de apreender baseia-se em “[...] reter, esquecer e voltar a lembrar pertencem à constituição histórica do homem e formam mesmo uma parte de sua história e de sua formação.” O que fica na

memória quando lembrado é o que se aprende quando algo é expresso diante a capacidade que possuímos.

Por isso, é importante saber trabalhar com crianças e, mais importante ainda entender como as crianças aprendem, essa preocupação é constante nos professores da Escola São Gabriel, pois durante as aulas, a participação dos alunos é percebida, principalmente na utilização de seminários, debates e, na própria participação durante as aulas, contribuindo para o processo de formação do aluno.

A formação é um dos processos em que a criança está inserida durante o processo de vivência, então é preciso que inicie do professor o desenvolvimento de habilidades próprias, sendo necessário saber ouvir e saber dialogar com a criança para assim orientá-la a discussões, despertando para o verdadeiro ideal que é ensinar a pensar. “O educar-se precisa consistir, antes de mais nada, em que, ali onde sentimos nossas fraquezas”. (GADAMER, p.23, 2001). É preciso estar atento para perceber as fraquezas que possui. A educação é um processo de mudança valioso diante as fraquezas.

A educação está pautada nas fraquezas que cada um tem e, por isso, entende-se o pensar como ato que deve acontecer através de entendimento de experiências, quando o diálogo acontece em busca da compreensão. Tem-se um ponto fundamental nesta relação, o da interpretação, para que se chegue ao entendimento da fraqueza que se tem, é preciso interpretação.

A interpretação não é tampouco, para nós, um comportamento pedagógico, mas a realização da própria compreensão, que não é se cumprir primeiramente só para aqueles em cujo benefício se interpreta, mas também para o próprio intérprete e somente no caráter expresso da interpretação linguística. (GADAMER, p.579, 1997).

A interpretação é fundamental para a compreensão do diálogo. Acontece de forma prática não sendo perceptível por ambos interlocutores, mas acontece tão natural, que a conversa flui naturalmente entre ambas as pessoas através da linguagem. É na fala que envolve simultaneamente os interlocutores expressando a linguisticidade compreendida na interpretação. Cito Gadamer (p.580, 1997) “a interpretação coloca a coisa em causa na balança das palavras”.

Percebem-se que a linguagem, a interpretação e a compreensão estão presentes no simples ato de dialogar, conceitos que Hans-George Gadamer define claramente um por um em suas obras.

E com relação ao assunto de educação e boas maneiras, é possível que se fale em educação e boas maneiras no ato de dialogar, Gadamer (p.18, 2001) afirma “evidentemente sabemos que isso é muito difícil em famílias em que o crescer não é encarado com grande cuidado pelos pais.” As boas maneiras são atitudes de educação adquiridas em casa, pois, quando a criança se encontra em casa é fundamental a atenção dos Pais a essa criança, o dialogar entre ambos é preciso e crescente quanto aproximação e afeto, configurando na formação da criança, portanto, a educação e as boas maneiras são entendidas como educação informal, “[...] e exatamente ali as boas maneiras adquirem um grande valor social.” (GADAMER, p.18, 2001).

O diálogo e as boas maneiras estão em conjunto, pois quando se cresce a um ritmo de perguntas e respostas que se desencadeiam em diálogos e neles está implícito o ato de boas maneiras diante a preocupação de Pais que educam os filhos de acordo com a simplicidade em que os envolve no ato de amor e laço fraterno entre pais e filhos.

O ato de dialogicidade se faz presente nas relações e caracteriza-se como fenômeno humano, segundo Freire (p.51, 1987), “[...] o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.” Percebe-se a importância da palavra quando a professora do 3º ano relata “o professor tem que ver que o aluno tem vontade de falar, mas ele é inibido e às vezes ele não fala porque ele tem medo da reação do professor.” O professor tem que ter como metodologia o espaço para o diálogo, ele não pode desenvolver a característica de timidez ou medo no aluno, o poder de fala do aluno tem que ser perceptível pelo professor e ampliado pelo mesmo.

Freire no livro *Pedagogia do Oprimido* esclarece que o poder de fala liberta e conscientiza de forma concreta, sendo de forma subjetiva e objetiva, portanto, “o diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem que ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação.” (FREIRE, p.33, 1987). A professora do 4º ano afirma “o diálogo dentro da sala de aula tanto com o professor como os amiguinhos dele dentro da sala de aula é muito importante, a partir do momento que ele começar a falar porque tem muitos alunos gosta, gostaria de falar mais não tem oportunidade porque o professor ele não deixa.” É no espaço aberto de fala que a realidade se transforma, a unidade dialética é o ponto chave da dialogicidade que permeia na ação da relação professor e aluno na sala de aula.

O professor tem que entender o processo do diálogo e conhecer a importância do mesmo para atuação didática de abertura de consciência para ambos. O professor tem o papel

de intermédio dessa atuação para fortalecer o aprendizado. Não se pode esquecer que Freire fala da dialogicidade no processo educativo através do diálogo.

A valorização e o papel do professor são fundamentais para o desenvolvimento da criança em sala de aula, é preciso que o professor continue o processo de formação continuada para uma formação digna e para uma atuação verdadeira e realista durante o ato de educar, para tanto, é preciso que o professor entenda que diálogo não se separa da interpretação e compreensão, ou seja, que o professor se utilize sempre de um diálogo organizado e disciplinado, sendo assim, o professor utilizará o diálogo a favor do trabalho educacional e da própria metodologia.

Para a utilização do diálogo na metodologia é preciso que o professor entenda as variações que existe do diálogo, mas quando a pergunta é sobre a existência dos tipos de diálogos, as professoras só respondem saber o tipo de conversação, sendo que nos estudos são encontrados conversação, investigação, debate e instrução, é preciso que professores se atentem mais ao tema, pesquisem, investiguem, ter o conhecimento sobre o diálogo, para assim saber como usá-lo.

Assim, sugere a utilização do processo de formação continuada do professor para a utilização do diálogo. Sabendo usar o diálogo como investigação discursiva o professor terá uma aula mais produtiva, com mais troca de ideias, onde perguntas e respostas estarão mais presentes, assim cito Freire (p.53, 1987) “somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também, de gerá-la.” É na geração das observações, que as respostas chegarão a conclusões realmente de antecedentes das experiências tanto do professor como do aluno.

Assim, o professor que se atenta a entender o diálogo, a compreender a sua importância para a metodologia de ensino estará se atualizando ao século em questão, como assevera Kohan et al. (p.154, 2002) “[...] a função do professor passa a ser, então, a de acompanhar e vigiar o desempenho lógico dos alunos, atuando como facilitador e orientador das discussões através das quais ocorre a aprendizagem do pensar.”

O aprendizado do pensar acontece mediante a discussão, à interação de um com outro, é argumentando e escutando o outro que a conversação acontece, estabelecendo a existência da criticidade como assevera Freire (p.53, 1987) “[...] sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.” Ou seja, o professor utilizando-se do diálogo para estabelecer uma conversação de forma clara e crítica por parte dele e do aluno.

Sabe-se que o aluno quando chega à escola já traz consigo suas experiências de vida. Assim uma pergunta foi cabível na entrevista realizada, a inquietação era sobre os instrumentos didáticos utilizados pelas professoras para promover o diálogo no decorrer das aulas. Obtendo como respostas o uso do lúdico, trabalhos em grupos, atividade atual de acordo com a faixa etária do aluno e, com o que acontece no momento, roda de conversas, e círculos para o aluno expor e colocar ideias.

A utilização de cada instrumento didático citado acima é importante para atuação precisa do diálogo no ambiente escolar, se bem utilizado pelo professor, esse instrumento fará com total importância o crescimento do interesse do aluno pela aula, pela escola, pelo professor e por seus colegas de escola, pois haverá discussão conseqüentemente diálogo, sendo um diálogo construtivo tanto para o professor como para o aluno e todos os que estão em sua volta.

Para as professoras o diálogo em sala de aula é algo positivo, pois é a forma de progressão que os mesmos possuem, entendo que quando os alunos progredem algo está em ser-aí, como afirma CEPPAS (p.19, 2009) “[...] e a estrutura do ser-aí é ter uma pré-compreensão ontológica do ser, que em termos gerais, pode ser entendido como aquele que tem uma noção do sentido das coisas, uma visão de mundo.” Os alunos já chegam à escola com suas visões de mundo e de realidades diferentes, é na troca de conversas que acontece a progressão referida pela professora.

Observa-se que diante as progressões dos alunos, o professor precisa entender que para ensinar exige curiosidade com base em Freire (1996), exige um saber mais, portanto, como afirma Freire (p.85, 1996) “[...] o bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como sua liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício.” A curiosidade deve ser estimulada pelos pais e professores e, claro, o diálogo se fará pertinente quanto o processo de formação dessa curiosidade, estando presente nos pais, professores e alunos.

É na construção do conhecimento que a curiosidade pertinente fará parte do aprendizado real, exercendo a curiosidade acontecerá à movimentação para a inquietação da busca do saber mais, assim a construção da consciência crítica implicará no exercício de observação do objeto desenvolvendo a capacidade de comparar para assim perguntar.

A pergunta faz parte da dialogicidade, o estímulo da pergunta reforça a reflexão em face às explicações das respostas, portanto, a curiosidade é necessária, segundo Freire (p.86,

1996) “[...] o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.”

A fala do professor tem que envolver o aluno, diante as pausas, as indagações e reflexões. É o despertar da curiosidade que faz despertar o perguntar para assim se chegar até o conhecer.

Para se obter o conhecimento não se pode deixar parar pelo limite do autoritarismo, em inúmeros casos os professores impõem, através de um pedido de silêncio quando o aluno quer falar, quer expor sua opinião. É presente esse tipo de pedido durante as aulas, mas o professor não deve estar pautado a esse tipo de ação.

O autoritarismo por parte do professor ou do aluno toma a liberdade de reflexão e de situações dialógicas. É importante que o respeito esteja presente, “para isto, o indispensável é que ambas, autoridade e liberdade, vão se tornando cada vez mais convertidas ao ideal do respeito comum somente como podem autenticar-se.” (FREIRE, p.90, 1996).

É no ato de pergunta e resposta que o homem diante da linguagem [...] “precisa reconhecer-se parte da história e da linguagem, os verdadeiros elementos instituintes de seu próprio ser” (GOERGE, p13, 2010) Conhecendo a história o homem se aproxima da sua experiência dialógica abrindo possibilidades para o encontro com o outro.

Para entender e refletir o outro é preciso postura disciplinar e intelectual, deve ser aberto ao novo, ao desconhecido. Para o lógico-científico “a hermenêutica dedica-se ao processo de interpretação que nunca chega à afirmação de verdades indiscutíveis” (GOERGEN, p.14, 2010). A educação como experiência estética forma o humano este reflexivo e planejado em sua subjetividade de educação.

Portanto, o conceito de linguagem segundo Goergen (p.15, 2010) “é o lugar do diálogo vivo que não se esgota na relação sujeito-objeto.” O diálogo é a fronteira da experiência do encontro com o outro em sua identidade tornando o diálogo livre, ou seja, o dialogo surge como reflexivo a um modelo real de educação.”

Logo, o ato de dialogar, é presente na Escola São Gabriel, sendo um dos fatores de desenvolvimento para a educação acontecer de forma que todos participem do seu papel e objetivo, é o ato de autenticidade da interação de si com o outro, desenvolvendo em ambos uma relação de aproximação e até de afeto. É presente e contínuo e permanente no cotidiano,

então que família, escola e as pessoas procurem se utilizar mais do diálogo presente, sabendo utilizar as novas tecnologias e redes sociais para verdadeira utilização do diálogo, assim se chegar a uma verdadeira interpretação e compreensão.

CONCLUSÃO

Quando se fala em diálogo, imagina-se o mundo da criança, cheio de descobertas, portanto, para uma possível orientação da educação no caminho do saber e do conhecer, a criança precisará do professor para que o mesmo oriente para o real entendimento da sofisticação da leitura e da escrita, somente assim, se desenvolverá o real significado do diálogo para um processo construtivo e inteligível do saber.

Assim, o diálogo não é um instrumento didático, baseado em Gadamer, mas é a questão principal da filosofia hermenêutica em processo de compreensão, que pode ser utilizado pelo professor no processo de formação da criança. Entende-se que a leitura é fator primordial na construção crítica do pensamento do ser, e desse pensamento o dialogar acontecerá de forma natural desse processo de aquisição de leitura, claro que não se pode esquecer que uma pessoa que não sabe ler, tem como fator de diálogo a experiência de vida.

Mas, esclarecendo à relação diálogo e escola, tem-se a escola, esta nasce junto com a concepção da criança moderna, esta faz parte da sociedade, atua junto à sociedade quando participa de trabalhos junto à imprensa, quando fala, quando pensa, quando consome, portanto, pensar a criança como ser que tem capacidade de dialogar na sua maneira infantil.

A infância é o momento mágico em que a criança se encontra, portanto, entender esse momento é o fator principal para o desenvolvimento sadio e respeitoso com o ser.

Mas, o poder da voz é um poder imenso, pois voz é voz, e, é através dela que professor e aluno devem fazer uso para ter vez e voz, é a partir daí que os dois utilizarão o seu verdadeiro potencial de liberdade e autonomia diante da coragem que todos têm apesar de ser ainda somente uma criança, mas nela há entendimento e compreensão.

O diálogo tem como papel o estabelecimento de interação entre professor e o aluno, moldando assim o novo jeito de ser escola, possibilitando o entendimento dos dois sujeitos diante a dialogicidade, formando assim uma nova maneira de olhar para o outro, constituindo então, uma nova escola para a sociedade atual, uma escola onde se escuta e percebe o outro.

A partir da percepção do outro, tem-se a compreensão; é a partir do entendimento do ser no mundo que surge às possibilidades do ser de utilizar-se do estar sendo no mundo, de entender as vantagens de que algo está oculto, mas que só será desvendado a partir do entendimento, sendo preciso haver reflexão para se obter entendimento e este só surgirá a partir da hermenêutica como possibilidade de autocompreensão no agir pedagógico produzindo um novo jeito de formação.

A reflexão que faz parte do processo de autocompreensão parte da hermenêutica que tem o processo de compreensão de textos como algo que se reconhece a verdade, a partir do método de leitura de textos religiosos ou jurídicos, mas é um processo não metodológico que se insere a partir de leituras dos textos e, conseqüentemente a interpretação. Explicita-se uma parte da hermenêutica.

Quanto à relação entre a dialogicidade de Freire e a hermenêutica de Gadamer o diálogo permanece compreensível em Freire quanto ao papel de educar, quanto ao papel de formar, através da interação, ou seja, o homem tem consigo a esperança e com ela sonha e luta por algo melhor, surgindo assim como progresso, mudança diante a política, diálogo político. A educação é um ato político e dialógico atuante com o conhecimento. Para Gadamer o diálogo é adquirido de acordo com a língua materna e a participação da família. O diálogo parte da base de compreensão para a comunidade, ou seja, é um aspecto ético.

O diálogo conduz a novos conhecimentos, desenvolve a relação do eu com o outro surgindo através do estar - junto, o diálogo favorece a educação através do ato educativo de forma natural, e também através da interação, reflexão e discussão. Ou seja, surgindo de forma dialética.

Analisando a relação didática em sala de aula a partir do diálogo em Gadamer, tem-se o diálogo como ferramenta principal da educação, através do meio social e a própria relação com o outro que de fato a educação se consolidará, a cultura, a música, a moda, os livros, enfim, as coisas estarão a favor para que o diálogo aconteça e permaneça formando gostos e um novo senso comum.

No entanto, compreende-se o papel do professor na utilização didática do diálogo quanto a não valorização do mesmo no espaço da sala de aula entre professor e aluno, em que o diálogo permanece restrito ao modelo de educação tradicional que ainda é adotado pela maioria dos professores, podendo, portanto, o diálogo ser usado como forma de conversação paralela e distração durante a aula. O professor tem que entender que o diálogo é uma

poderosa ferramenta quando corretamente utilizada durante a aula, podendo com ela formar opiniões, formar histórias e formar um novo modo de interação entre as pessoas. Cabe ao professor e ao aluno despertar a curiosidade que há dentro de si e expor para si e para os outros.

A investigação da utilização do diálogo por parte do professor na sala de aula é identificada de forma divertida, pois os alunos brincam com argumentos elaborados, fazendo assim com que a interação e a interpretação aconteçam de maneira harmônica, portanto, auxiliando a interpretação que vêm com o objetivo de esclarecer o oculto. O diálogo acontece e favorece a interpretação, porque é através do diálogo que o ato dialético acontecerá ampliando o processo de compreensão do ser histórico em meio a sua cultura.

Portanto, a compreensão do ser acontecerá de forma natural e, a experiência se constituirá como processo fundamental para a compreensão. Pois, o desafio hermenêutico é poder abrir espaços e possibilidades para novas reflexões.

A partir das reflexões fica claro que o diálogo surge. É por meio das reflexões estabelecidas e propostas entre duas ou mais pessoas que ideias surgirão naturalmente fazendo com que o diálogo cresça, e o pensar possibilite o entendimento da ideia. É um movimento de troca entre as discussões acrescentando as experiências de vida das pessoas.

As pessoas têm consigo experiências de vida, estas ligadas ao processo de formação pessoal, dependendo das características do ser, como o gosto que se tem por arte, criatividade, pelo ambiente, enfim, por diversos outros conceitos reforça no desenvolvimento do diálogo, ao qual se pretende desenvolver aptidões. É sabendo então que formação é a base para desenvolver as aptidões que permeiam o ser humano e as próprias vivências.

A palavra formação desperta a mística que o homem traz em sua alma inúmeras ideias, percebe-se as características de atitudes no homem atual, e com o desenvolver dessas aptidões a formação será meramente um meio para o fim que se deseja para o próprio homem.

O campo da experiência tem como base o diálogo afetando-se do encontro com o outro e a linguagem. A hermenêutica como expressão da verdade leva a compreensão, este significado hermenêutico estabelecendo a historicidade do saber. Atualmente, esse saber associa-se a liberdade individual do educando para o reconhecimento social, de acordo com o potencial que possui.

A relevância hermenêutica filosófica para a Pedagogia, é que pode assim ampliar o conhecimento que temos e, satisfazer a curiosidade que nos pertence, assim refletindo e mudando de postura.

É refletindo de forma hermenêutica que a hermenêutica tem sua relevância na pedagogia, no qual o aspecto comum está pautado no processo de compreensão como no processo pedagógico, voltando-se a compreensão com base na história e a linguagem como horizontes. Assim, o diálogo entre o educador e educando deve se determinar como relação social e a educação como fenômeno social, um compartilhando o outro.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.22, n.40, p.95 – 103, jul./dez. 2013.

BATISTA, Gustavo Silvano. **Hermenêutica e práxis em Gadamer.** 2007. 96 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2007.

CAMARGO, Edson Carpes. FONSECA, Jorge Alberto Lago. **A ética no ambiente escolar: educando para o diálogo.** Disponível em <www.scielo.com.br> Acessado em: 05/08/2015.

CEPPAS, Filipe. OLIVEIRA, Paula Ramos de. SARDI, Sérgio Augusto. (organizadores) **Ensino de filosofia, formação e emancipação.** Editora Alínea. Campinas, São Paulo. 2009

FIORI, Ernani Maria. **Prefácio.** FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. P. 6 – 14.

FLINCKINGER, Hans- George. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica.** Campinas – SP.2010. P. 1 - 7

FRACASSO, Frei Anselmo. Disponível em: <www.franciscanos.org.br> Acessado em: 26/01/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

_____. **Pedagogia da esperança:** Um reencontro com a pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADAMER, Hans George. **Educação é educar-se.** Continuação de estudos Leopoldenses: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – v.5, n.8 – São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. **Verdade e Método:** traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3 ed. Vozes. Petrópolis. 1999. P. 13 – 48 / 559 – 567.

GOERGEN, Pedro. **Prefácio.** FLINCKINGER, Hans- George. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica.** Campinas – SP. 2010. P. IX – XXII

GONSALVES, E. Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 4 ed. Campinas:Alínea, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: introdução à pedagogia o conflito. 16 ed. São Paulo. Cortez. 2012.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. D.P & A. Rio de Janeiro. 2002

KOHAN, Walter. (Org.) **Ensino de Filosofia – perspectivas**. Belo Horizonte. Autêntica, 2002. P. 179 – 180.

PIRES, José. PIRES, Gláucia Nascimento da Luz. **Práticas de educação e de formação**. João Pessoa. Ideia, 2011. (p.11 – 75)

NOVELLI. Pedro Geraldo. **A sala de aula como espaço de comunicação: de reflexões em torno tema**. Agosto. 1997. (p. 43 – 50).

SOUSA, Ana Paula Moreira de. NUNES, Emiliana Cristiana Rodrigues. **A observação como técnica científica**. 2011. Disponível em: <www.pt.slideshare.net> Acessado em: 13/08/2015.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, **ELANE SILVA FERREIRA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação:

Uma reflexão sobre o diálogo em sala de aula de primeiro ciclo de ensino fundamental na escola municipal São Gabriel. De minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 13 de Abril de 2016.

Elane Silva Ferreira
Assinatura

Assinatura

